

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER

Curso de Bacharelado em Jornalismo

VALDEVINA APARECIDA DA SILVA

**VIOLÊNCIA EM PRIMEIRO PLANO: SENSACIONALISMO NO PROGRAMA
ALERTA NACIONAL**

UMUARAMA

2022

VALDEVINA APARECIDA DA SILVA

**VIOLÊNCIA EM PRIMEIRO PLANO: SENSACIONALISMO NO PROGRAMA
ALERTA NACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em Jornalismo
ao Centro Universitário Internacional
UNINTER.

Orientadora: Prof. Me. Larissa Drabeski

UMUARAMA

2022



Curso de Bacharelado em Jornalismo
Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos vinte e quatro dias do mês de maio de dois mil e vinte e dois realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante Valdevina Aparecida da Silva, portador do Registro Uninter 2026428 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade monografia, sob o título Violência em Primeiro Plano: Sensacionalismo no Programa Alerta Nacional e orientação do/a professor/a Ms. Larissa Adryellen Drabeski, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Dr. Guilherme Carvalho

Examinador/a 2: Dr^a Valquíria Michela John

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 9,9

Sendo assim, considerou-se o/a estudante aprovada.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a: *Larissa da Drabeski*

Examinador/a 1:

Examinador/a 2: *Valquíria John*

Estudante: *Valdevina*

AGRADECIMENTOS

Dedico esta monografia ao Senhor Deus, fonte de sabedoria infinita e inspiração, que cuida de mim desde o ventre da minha mãe. Aos meus avós maternos Isolina da Costa Barbosa (*in memorian*) e José Barbosa (*in memorian*), que sempre me fizeram sorrir e me ensinaram a ser forte. Sou grata especialmente a minha mãe, Maria Francisca da Silva, que me criou com amor, não me deixou esmorecer e me mantém sempre em suas orações.

Ao meu pai, Geraldo Ignácio da Silva (*in memorian*), que apesar do pouco tempo que esteve em minha vida, acompanhou com carinho em meus primeiros passos neste mundo e teve paciência para amarrar meus sapatos. Aos meus amados e preciosos filhos Thomas Jefferson Silva Meira e Jeferson Meira Júnior, que souberam me amar, do jeito que eu sou e foram compreensíveis e meus maiores incentivadores durante meus estudos. A minha melhor amiga Shirley Ilda dos Santos, minha confidente e parceira de oração. A todos os professores que me ensinaram grandes lições na minha trajetória escolar e em especial aos orientadores deste meu TCC, Professor Doutor Guilherme Carvalho e a Professora Mestre Larissa Drabeski, agradeço a paciência, profissionalismo e por todo conhecimento repassado.

Dedico este trabalho ao Thomas e
Jeferson Jr.

“Trata-se de uma visão do sofrimento, da dor dos outros, que está enraizada no pensamento religioso e vincula a dor ao sacrifício, o sacrifício à exaltação — uma visão que não poderia ser mais alheia à sensibilidade moderna, que encara o sofrimento como um erro, um acidente ou um crime. Algo a ser corrigido. Algo a ser recusado. Algo que faz a pessoa sentir-se impotente. Que fazer com um conhecimento como o que trazem as fotos de um sofrimento distante? As pessoas, muitas vezes, se mostram incapazes de assimilar os sofrimentos daqueles que lhes são próximos”.

(SONTAG, 2003, p. 29 e 30)

RESUMO

Esta monografia trata da análise e discussão do conteúdo do programa jornalístico Alerta Nacional, exibido pela emissora RedeTV de segunda-feira a sexta-feira das 18h às 19h30. Para este estudo, foram assistidas as 23 edições do telejornal, exibidas no mês de março de 2021. O objetivo geral foi de examinar, através do procedimento metodológico de Análise de Conteúdo (AC), a partir da amostragem, qual o percentual das reportagens exibidas mostrou imagens da violência urbana. O programa é pautado por ocorrências policiais e durante a análise, também foram investigados quais os tipos e quantidades de crimes foram relatados nas reportagens. Foram estudadas as formas de apresentação e interação com os repórteres, durante a divulgação das notícias. Quanto à metodologia foi aplicada a Análise de Conteúdo (AC), embasada na teoria proposta por Laurence Bardin (2011). Durante a pesquisa, foi proposta uma reflexão sobre qual a função dos programas jornalísticos policiais e se essa missão está sendo cumprida pelos profissionais que produzem e apresentam o telejornal Alerta Nacional. Simultaneamente, foi feito um tensionamento entre referenciais teóricos sobre quais os efeitos da violência exposta na televisão. Esta pesquisa pode colaborar com outros estudos relacionados à análise da imagética, violência retratada nos meios de comunicação e alterações comportamentais devido a exposição às imagens trágicas. Os resultados obtidos no cruzamento dos dados também podem servir de referencial para programas sociais e políticas públicas que visam a prevenção da violência no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Policial; Violência; Ética; Sensacionalismo; Análise de Conteúdo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 METODOLOGIA.....	12
2.1 AMOSTRA DE PESQUISA	17
3 VIOLÊNCIA SEM DESFOQUE.....	20
3.1 SENSACIONALISMO.....	27
4 DIREITOS HUMANOS E ÉTICA NO JORNALISMO.....	29
5 ANÁLISE DE DADOS.....	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

A televisão, que teve a sua estreia no Brasil em 1950, está em quase todas as casas do País, segundo o IBGE (2019)¹. Entre todas as residências pesquisadas em 2019, em 93,3% têm um aparelho de televisão. Já conforme o resultado da Pesquisa Brasileira de Mídia² (2016), pelo menos 63% da população do país indicaram esta mídia como o principal meio de informação e 77% dos entrevistados afirmaram assistir televisão todos os dias.

Mesmo sendo os serviços de *streaming*, TV fechada e Youtube concorrentes significativos, as TVs abertas ainda são as preferidas dos telespectadores. Ainda assim, com a rapidez em que as notícias são divulgadas hoje nas mídias sociais, equipes inteiras de jornalismo responsáveis pelos programas das TVs abertas, precisaram se reinventar e trabalhar duro para manter a atenção dos telespectadores.

A comodidade de acessar conteúdos com alguns toques em telas e a diversidade que o *streaming*, por exemplo, oferece é explicado por Lima (2022, ONLINE): “a internet e a tecnologia permitem que qualquer pessoa tenha acesso a músicas, séries e filmes sem precisar esperar horas por um download”. Nos canais do citado Youtube, todo tipo de vídeo feito por profissional ou amador, inclusive com fatos policiais, arremata uma boa parcela do público que prefere tais conteúdos, a programação, muitas vezes engessada, das TVs abertas.

Uma das opções de atração que há muito tempo tem lugar garantido na grade de programação das emissoras brasileiras de televisão é o telejornal policiaisco, que utiliza reportagens sobre violência urbana, cobertas de imagens brutais, com objetivo de manter, respectivamente, a audiência e faturamento. Devido à grande quantidade de emissoras de TV, rádio e canais no Youtube, é difícil precisar o número exato de programas policiais exibidos atualmente no Brasil.

¹ Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html#subtitulo-4>. Acesso em 24 de abr. 2022.

² Disponível em: <http://antigo.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>. Acesso em: 10 fev 2021.

Um levantamento feito pela pesquisadora Janaíne Aires, segundo Moraes (2021) do site *Intercept* Brasil³, mostrou que em 2014 já haviam 110 programas jornalísticos no País. Em entrevista à TV Brasil, no dia 26 de outubro de 2015, a jornalista Bia Barbosa, Coordenadora Executiva do Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social⁴, definiu a função inicial deste tipo de programa, como o de “informar a população brasileira sobre casos relacionados à segurança pública”. (BARBOSA, 2015, ONLINE).

Para buscar mais dados sobre esta criminalidade mostrada durante o horário nobre na TV, nesse trabalho foi analisado o conteúdo levado ao ar no Programa Alerta Nacional, exibido por 1 hora e 30 minutos, de segunda-feira a sexta-feira, pela emissora RedeTV⁵, durante o mês de março de 2021. Nessa monografia foi proposta uma discussão a partir do seguinte problema de pesquisa: a exibição na televisão de cenas explícitas de violência viola princípios éticos?

A hipótese a este questionamento é que viola diversos princípios tanto do Código de Ética, quanto os Direitos Humanos previstos na Constituição Brasileira e Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). E é esta exibição massificada das imagens de suspeitos e de vítimas de crimes ou de acidentes, que leva à necessidade de propor outro debate sobre qual a relação entre toda esta violência na televisão e os comportamentos agressivos na sociedade.

O objetivo geral foi de examinar, através do procedimento metodológico de Análise de Conteúdo (AC), a partir da amostragem, qual o percentual das reportagens exibidas mostrou imagens da violência urbana. Os objetivos específicos deste trabalho foram de: quantificar o número de reportagens com conteúdo violento exibidas; apontar qual a natureza e índices de imagens mostradas nos programas referentes à amostra pesquisada; e investigar, através de embasamentos teóricos, até que ponto o jornalismo sensacionalista pode levar a informação e buscar audiência sem desrespeitar a ética no jornalismo.

³ Disponível em: <https://theintercept.com/2021/08/24/programas-policiais-preto-pobre-liga-camera-microfone-cara/>. Acesso em 08 mai. 2022.

⁴ Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/vertv/post/os-programas-policiais-na-linha-editorial-das-emissoras-de-tv>. Acesso em 24 abr. 2022.

⁵ Disponível em: <https://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/alertanacional>. Acesso em: 02 jan 2021.

Esta introdução do trabalho aborda as considerações iniciais relacionadas a proposta do trabalho e delimita o tema. Apresenta quais os objetivos da monografia e informações sobre como a pesquisa pode colaborar com as esferas acadêmica e social. O capítulo 2 apresenta qual a metodologia, os tipos de pesquisas que foram utilizadas para decodificação dos dados que embasaram o estudo e define a amostra da pesquisa.

O capítulo 3, 'Violência sem Desfoque', discorre sobre a partir de quando as imagens violentas passaram a ilustrar o material midiático; o significado do medo; da violência real e representação da violência e seus efeitos. O capítulo ainda traz a conceitualização do sensacionalismo. O 4º capítulo fala sobre 'Direitos Humanos e Ética no Jornalismo'.

O tópico revela o que dizem a Constituição Federal, o Código de Ética dos Jornalistas e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) sobre a exibição ou compartilhamento nas redes sociais de imagens trágicas, de vítimas e de suspeitos de crimes, em meios de comunicação ou em redes sociais.

O capítulo 5 traz a 'Análise de Dados' das 23 edições do Programa Alerta Nacional exibidas nas 5 semanas de março de 2021 e das categorias de análise: (1) homicídios; (2) confronto entre polícia e suspeitos de crimes; (3) assaltos; (4) outros crimes⁶, (5) prisões e (6) imagens não violentas.

⁶Ocultação de cadáver, confrontos com feridos, tentativa de homicídio, acidentes com mortes e feridos, golpes, pedofilia, abuso sexual, agressão, uso e tráfico de drogas, foragido da justiça, menor de idade apreendido, tiroteio, sequestro, cárcere privado, protesto; ameaça, ato obsceno, furto, lesão corporal, abandono de incapaz, omissão de socorro, estelionato, danos e receptação.

2 METODOLOGIA

A metodologia científica tem a missão de descodificar todos os métodos adotados e o caminho percorrido durante a pesquisa, conforme Richardson (1999). Para o pesquisador, o: “método é o caminho ou a maneira para se chegar a um determinado fim ou objetivo, e metodologia são os procedimentos e regras utilizadas por determinado método” (RICHARDSON, 1999, p. 22)

O método que foi utilizado neste trabalho é o de Análise de Conteúdo (AC), avaliado por Laurence Bardin (2011), referência literária para a teoria, como: “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a "discursos" (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. (BARDIN, 2011, p.15).

A escritora explica que o método, que inclui variadas técnicas potencializadas, tem um fator em comum, a inferência. “Esta técnica, ou melhor, estas técnicas' implicam um trabalho exaustivo com as suas divisões, cálculos e aperfeiçoamentos incessantes do *métier*”. (BARDIN, 2011, p. 33)

Para a autora, estas múltiplas técnicas utilizadas em cálculos e para decifrar textos, oscilam objetiva e subjetivamente. É o interesse em elucidar o oculto, que faz com que o pesquisador mantenha o rigor científico. Bardin (2011) explica que a atração pelo desconhecido promove o investimento e admiração da ferramenta capaz de desvendar novas teorias e criar novas regras de pesquisa.

Ao desempenharem o papel de técnicas de ruptura face à intuição aleatória e fácil, os processos de análise de conteúdo obrigam à observação de um intervalo de tempo entre o estímulo mensagem e a reação interpretativa. Se este intervalo de tempo é rico e fértil então, há que recorrer à análise de conteúdo. (BARDIN, 2011, p.15 e 16)

A pesquisadora explica que a soma e cruzamento dos dados das fases podem tanto terminar em confronto ou em um encaixe para obter os resultados. “Metodologicamente, confrontam-se ou completam-se duas orientações: a verificação prudente ou a interpretação brilhante” (BARDIN, 1977, p. 35). Isso porque, conforme a pesquisadora, as diversas etapas de verificação podem ou não estar ligados.

uma função heurística: a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta. É a análise de conteúdo para ver o que dá. uma função de administração da prova. Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes, apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma informação. É a análise de conteúdo para servir de prova. (BARDIN, 2011, p.35)

A autora ensina que quando o pesquisador foca em uma hipótese da investigação ou em assuntos não estudados, que por isso não tiveram definidos nem o problema e nem quais estratégias utilizar, a dupla função da análise de conteúdo pode trabalhar em parceria. Mesmo que para isso, o analista tente múltiplos meios e erre muitas vezes.

Dos resultados obtidos, o pesquisador vai selecionar quais são os métodos mais práticos e classificar os que geraram hipóteses que irão funcionar como diretrizes. Deste ponto, os analistas de posse da teoria do problema, seguem com o trabalho, para descobrir novas ferramentas passíveis de produzir interpretações inéditas.

Estas técnicas são muito úteis no estudo dos meios de comunicação social. Conforme a autora, o método “absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem” (BARDIN, 2011, p. 15).

Tarefa paciente de “desocultação” (sic), responde a esta atitude de voyeur que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico. Analisar mensagens por esta dupla leitura onde uma segunda leitura se substitui à leitura “normal” do leigo, é ser agente duplo, detetive, espião. (BARDIN, 2011, p. 15)

Segundo a pesquisadora, o método prevê 3 fases fundamentais começando pela pré-análise, quando se organiza o material a ser analisado e ser transformado em operacional, com a sistematização das ideias iniciais. Para a organização, Bardin (2011) explica que a primeira etapa é a leitura flutuante: “A primeira atividade consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”. (BARDIN 2011, p. 126)

Após esta coleta de dados, o próximo passo é a escolha dos documentos e na sequência a formulação de hipóteses e objetivos. A elaboração dos

indicadores, que são determinados através de recortes de trechos dos documentos analisados, e referência dos índices é a última tarefa da pré-análise. Para as autoras, Marconi e Lakatos (1992), antes de começar uma pesquisa de campo, a primeira coisa a fazer é uma análise das fontes documentais, que sirvam base à investigação.

A descrição do que é e para que serve a pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro lado, tanto a pesquisa de laboratório quanto a de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõem a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica. (MARCONI E LAKATOS, 1992, p. 44)

Conforme as pesquisadoras, a pesquisa bibliográfica é “o levantamento de toda bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita”, (MARCONI E LAKATOS, 1992, p. 43 e 44). A finalidade desta pesquisa, segundo as autoras, é de “[...] colocar o pesquisador em contato com tudo aquilo que já foi escrito sobre determinado assunto [...]”, (MARCONI; LAKATOS, 1992, p. 44).

Esta pesquisa documental, segundo Fonseca (2002), utiliza técnicas variadas: “tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão”. (FONSECA, 2002, p. 32).

A exploração do material constitui a segunda fase da Análise de Conteúdo (AC), que, segundo Bardin (2011), consiste na exploração do material com a definição de sistemas de codificação e a identificação das unidades de registro e das unidades de contexto nos documentos. Esta etapa possibilitará ou não a riqueza das interpretações e inferências.

“Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN 2011, p.131). Conforme a escritora, a terceira fase é sobre o tratamento dos resultados. A missão é de traçar uma linha de correspondência entre o nível de conhecimento científico e teórico. A codificação do material faz parte do tratamento e, segundo a socióloga:

Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos ("falantes") e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise fatorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise. Para um maior rigor, esses resultados são submetidos a provas estatísticas, assim como a testes de validação. O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos - ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. (BARDIN, 2011, p. 131)

Os tipos de inferências obtidas podem completar ou embasar outra pesquisa, inclusive com dimensões teóricas inéditas e que podem ser submetidas a diferentes métodos. Para Chizzotti (2006), "a decodificação de um documento pode utilizar-se de diferentes procedimentos para alcançar o significado profundo das comunicações nele cifradas". (CHIZZOTTI, 2006, p. 98)

Segundo Flick (2009), há várias maneiras de documentar o material pesquisado. A organização pode ser feita através de transcrições textuais ou até mesmo podem ser fotografados, filmados ou os fatos contados em áudios. De acordo com Lakatos e Marconi (2003), "[...] esta análise vai permitir observar os componentes de um conjunto, perceber suas possíveis relações [...], passar à generalização e, finalmente, à crítica". (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 28).

Estudar o material exibido pela mídia, segundo Shoemaker e Reese (1996), colabora com a compreensão do telespectador, leitor ou ouvinte. Herscovitz (2004), por sua vez, informa que a análise do material jornalístico indica quais são os pontos fracos e fortes da metodologia. O escritor afirma que deste estudo, também saem novas proposições susceptíveis a investigação.

A ideia de que a análise de conteúdo é um método eficiente e replicável que serve para avaliar um grande volume de informação manifesta cujas palavras, frases, parágrafos, imagens ou sons podem ser reduzidos a categorias baseadas em regras explícitas, previamente definidas com o objetivo de fazer inferências lógicas sobre mensagens. [...]. (HERSCOVITZ, 2004, p. 125)

A proposta de que a codificação simultânea do material condiga com todas as hipóteses analisadas foi apresentada por Babbie (1989). "Se os resultados de ambas coincidem em alta proporção (igual ou superior a 80%),

embora ainda que imperfeita, a validade do trabalho está assegurada” (BABBIE 1989, p. 301). Herscovitz (2004) define AC jornalística como um:

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação. (HERSCOVITZ, 2004, p. 126-127)

Herscovitz (2004) conta que as características do modelo de gestão podem ser isoladas na tentativa de testar teorias distintas que orientam a compreensão do que é o jornalismo. Para a pesquisadora, a análise de conteúdo pode ser utilizada em estudos exploratórios, descritivos ou explanatórios.

Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados. (HERSCOVITZ, 2004, p. 127)

Foram feitas pesquisas bibliográfica, exploratória e documental. Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita.

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações. (MARCONI & LAKATOS 2003, p. 158)

Na pesquisa qualitativa, conforme Creswel (2007), o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento. Já os dados coletados são descritivos. O autor destaca ainda que: “o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas” (CRESWEL 2007, p. 186).

Com a missão de examinar pistas deixadas por dados visuais e verbais, visando a compreensão as evidências de forma minuciosa, a pesquisa qualitativa é apontada pela pesquisadora Minayo (2001), como responsável pelas respostas de perguntas individuais, sem deixar de lado a preocupação nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p.14)

A validade da pesquisa, conforme Richardson (1999), não está ligada a quantidade da amostra e sim na profundidade da análise. O autor avalia que o foco principal da pesquisa qualitativa: “está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno” (RICHARDSON, 1999, p. 102).

Segundo estudos feitos por Knechtel (2014), as principais características da pesquisa qualitativa são:

Ressalta a natureza socialmente construída da realidade; relação entre o pesquisador e o objeto de estudo; ênfase nas qualidades e nos processos, com destaque para a forma como a experiência social é criada e adquire significado; utiliza entrevistas e observação detalhada (métodos interpretativos); estuda casos específicos; valoriza as descrições detalhadas; faz uso de narrativas históricas, materiais biográficos e autobiográficos. (KNECHTEL 2014, p. 101-102)

2.1 AMOSTRA DE PESQUISA

O trabalho foi feito através da coleta de dados do Programa Alerta Nacional. Foram assistidas e estudadas 23 edições do programa exibidas no mês de março de 2021 e disponíveis no site oficial da RedeTV⁷. A análise foi feita durante 4 semanas, de segunda-feira a sexta-feira e na 5ª semana, de segunda a quarta-feira, para concluir o mês de março.

Nessa pesquisa, a análise de conteúdo foi aplicada a partir do corpus, o conjunto de documentos e dados obtidos durante a análise dos programas

⁷ Disponível em: <https://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/AlertaNacional/>. Acesso em 24 abr. 2022.

exibidos no mês de março de 2021. Durante a assistência, foram anotadas quais crimes eram abordados em cada matéria e elencados os dados e amostras de falas do apresentador Sikera Junior.⁸

Na sequência, unidades de registro e de contexto foram separadas de acordo com cada categoria. Todo material, de acordo com a organização, foi analisado, avaliado e interpretado. Além disso, foram feitas as inferências textuais e estatísticas, ou seja, foram usados estes métodos para compreender os elementos explícitos e implícitos nos vídeos; e buscar conclusões através dos dados coletados da amostra, apoiada por Bardin (2011).

Todos os elementos obtidos foram cruzados com o referencial teórico mobilizado durante a pesquisa. Estes cruzamentos resultaram na discussão e em considerações finais sobre o estudo. O programa Alerta Nacional tem como apresentadores, o âncora oficial, José Siqueira Barros Júnior, o Sikera Júnior; e o substituto Bispo Luiz Rodrigues, que têm formas diferentes de apresentar a atração.

Enquanto o apresentador oficial exagera na linguagem sensacionalista, o substituto apresenta da forma mais semelhante a bancada de telejornal, com comentários objetivos. Conforme um artigo publicado no Site RD1⁹, a audiência de Rodrigues é menor que a do Sikera Júnior. No dia 7 de janeiro, por exemplo, quando o apresentador reserva apresentou, o Alerta Nacional registrou 0,9 ponto, 1,8 de pico e 1,5% de *share*¹⁰ e empatou com a Rede de Televisão Gazeta.

Enquanto a Globo marcou 19,3; a Record 8,6; o SBT 5,8; a Band 5,5; e a Cultura 1,7. No comparativo de audiências, os números obtidos pelo comandante oficial do programa, são mais expressivos. Segundo o Site Observatório da TV¹¹, com Sikera Júnior à frente do Alerta Nacional, o programa

⁸ José Siqueira Barros Júnior, como Sikera Júnior, 55 anos, é um apresentador de televisão, radialista, ator, humorista, youtuber e cantor brasileiro. Atualmente, é apresentador do Alerta Nacional, na RedeTV e do Alerta Amazonas, na TV A Crítica, em Manaus.

⁹ Disponível em: <https://rd1.com.br/sem-sikera-jr-alerta-nacional-da-redetv-empata-com-gazeta/>. Acesso em: 23 nov 2020.

¹⁰ Share representa, em porcentagem, a participação de determinado programa ou emissora no total de televisores ligados dentro de uma faixa horária. Disponível em: <https://teleguiado.com/televisao/o-que-e-share/>. Acesso em 24 abr. 2022.

¹¹ Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/alerta-nacional-explode-em-audiencia-e-bate-recorde-na-redetv#>. Acesso em: 23 nov 2020.

marca até 3,2 pontos de pico e 2,5 de média, de acordo com dados aferidos pelo Kantar Ibope.

O apresentador oficial é famoso por suas declarações polêmicas contra acusados de crimes e integrantes da comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo e assexuais). Segundo a reportagem escrita por Eduardo Filho e Gabriel Vaquer, publicada no site Notícias da TV¹², da UOL, no dia 26 de junho de 2021, no programa ao vivo no dia 25 de junho de 2021, Sikera teria xingado os homossexuais de “raça desgraçada” que quer “acabar com a sua família e com a família tradicional brasileira”¹³.

A crítica, segundo a reportagem do site Notícias da TV, foi contra uma propaganda do Burger King, que mostra depoimentos de meninos e meninas dizendo serem a favor de ver casais homossexuais juntos. Devido ao ataque, segundo reportagem publicada no dia 6 de outubro de 2021, na revista Isto é Gente¹⁴, integrantes do movimento on-line de consumidores, *Sleeping Giants Brasil*¹⁵, realizaram uma campanha de desmonetização pedindo que empresários cancelassem anúncios no telejornal.

Em resposta, segundo a matéria da revista, pelo menos 150 marcas deixaram de anunciar na TV e nas plataformas digitais do telejornal. O caso foi parar na Justiça e segundo o site Notícias da TV¹⁶, os advogados de Sikera impetraram uma ação pedindo o fim da campanha negativa e no dia 10 de outubro de 2021, conseguiram uma liminar judicial favorável, determinando sua interrupção.

¹² Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/sikera-jr-xinga-homossexuais-de-raca-desgracada-na-tv-e-vira-alvo-de-acao-60275>. Acesso em 24 abr. 2022.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Lc-liSrodK>. Acesso em 24 abr. 2022.

¹⁴ Disponível em: <https://istoe.com.br/apresentador-da-rede-tv-sikera-jr-e-derrotado-na-justica-e-leva-sermao-de-juiza/>. Acesso em: 12 nov 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://sleepinggiantbrasil.com/>. Acesso em: 12 nov 2021.

¹⁶ Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/apos-bronca-de-juiza-sikera-jr-consegue-liminar-para-barrar-campanha-negativa-67282>. Acesso em: 17 nov 2021

3 VIOLÊNCIA SEM DESFOQUE

Desde as primeiras imagens trágicas divulgadas, a mídia sensacionalista aguçou a curiosidade do público e atraiu plateias de diferentes gerações. No livro ‘Espreme que sai sangue’¹⁷, Angrimani (1995) diz, que é difícil precisar quando teve início o jornalismo sensacionalista, mas acredita que esse gênero, “parece ter se enraizado na imprensa desde seus primórdios” (ANGRIMANI 1995, p. 19).

O autor conta que entre 1560 e 1631, surgiram “os primeiros a jornais franceses – ‘*Nouvelles Ordinaires*’ e “*Gazette de France*” (ANGRIMANI 1995, p. 19). A *Gazette*, conforme uma citação feita por Angrimani (1995), sobre Seguin (1959)¹⁸, tinha um conteúdo similar ao produzido atualmente pelos meios de comunicação sensacionalistas. “Antes mesmo destes dois jornais, já haviam surgido brochuras, que eram chamadas de *occasionnels*, onde predominavam o exagero, a falsidade ou inverossimilhança (...) imprecisões e inexatidões”, (ANGRIMANI 1995, p. 19).

O escritor lembra que, no século XIX, jornais de página única, conhecidos como *canards*, faziam mais sucesso, quando relatavam tragédias.

Os “canards” mais procurados, segundo Seguin, eram os que relatavam *fait divers* criminais: crianças martirizadas ou violadas, parricídios, cadáveres cortados em pedaços, queimados, enterrados. Assim como eclipses, cometas, grandes catástrofes, tremores de terra, inundações, desastres de trem, naufrágios. (ANGRIMANI, 1995, p. 19 e 20)

O autor explica que a palavra *canards* significa “[...] um conto absurdo, fato não-verídico, cambalacho e, posteriormente, folhetim ilustrado” (ANGRIMANI, 1995, p. 25). Já o termo *fait divers*, de acordo com o escritor define:

¹⁷ Disponível em: [Espreme que sai sangue - um estudo do sensacionalismo na imprensa - Danilo Angrimani.pdf](#). Acesso em 08 mai. 2022.

¹⁸ Apud SEGUIN, Jean-Pierre. *Canards du Siècle Passé*. Paris, Pierre Horey, 1969. [Espreme que sai sangue - um estudo do sensacionalismo na imprensa - Danilo Angrimani.pdf](#), p. 25. Acesso em 08 mai. 2022.

[...] pequenos escândalos, acidentes de carro, crimes terríveis, suicídios de amor, operários caindo do quinto andar, roubo a mão armada, chuvas torrenciais, tempestades de gafanhotos, naufrágios, incêndios, inundações, [...] execuções. (ANGRIMANI, 1995, p. 25)

O autor relaciona exemplos de manchetes dos *canards* e dos *occasionnels*, que poderiam ser usados nos programas policiais atuais:

Um crime abominável!!! Um homem de 60 anos cortado em pedaços” com o subtítulo: “Enfiado em uma lata e jogado como ração aos porcos”. Outra manchete: “Um crime pavoroso: seis crianças assassinadas por sua mãe”. Mais uma: “Um crime sem precedentes!!! Uma mulher queimada viva por seus filhos. (ANGRIMANI, 1995, p. 20)

Com o avanço da tecnologia, as publicações que antes dependiam apenas das inferências textuais, ganhou o reforço da imagem. Embora a Análise de Conteúdo (AC) deste trabalho tenha como objeto principal de estudo outro recurso imagético, que é a imagem em vídeo, a história da fotografia também foi incluída na investigação, devido ao seu pioneirismo em focar suas lentes na violência urbana.

Desde quando as câmeras foram inventadas, em 1839, a fotografia flertou com a morte. Capturar a morte em curso era uma outra questão: o alcance da câmera permaneceu limitado enquanto ela tinha de ser carregada com esforço, montada, fixada. Mas depois que a câmera se emancipou do tripé, tornou-se de fato portátil e foi equipada com telêmetro e com uma modalidade de lentes que permitiam inéditas proezas de observação detalhada a partir de um ponto de vista distante, a fotografia adquiriu um imediatismo e uma autoridade maiores do que qualquer relato verbal para transmitir os horrores da produção da morte em massa. (SONTAG, 2003, p. 10)

SONTAG (2003, p. 9 e 10) diz, apesar da grande quantidade de tipos de imagens divulgadas nos meios de comunicação, a fotografia ainda é o meio que “fere mais fundo”, quando o assunto é recordação.

[...] a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. A foto é como uma citação ou uma máxima ou provérbio. Cada um de nós estoca, na mente, centenas de fotos, que podem ser recuperadas instantaneamente. (SONTAG, 2003, p. 9 e 10)

A patente da primeira câmera fotográfica foi disputada pela Inglaterra e França. Louis Jacques Mandé Daguerre, pintor francês, ficou conhecido como o criador do equipamento. Mesmo assim, alguns jornais seguiam utilizando desenhos. Em 1904, os editores do tablóide *Daily Mirror* começaram a utilizar as fotos para complementar as matérias.

“A fotografia inaugura os *mass media* visuais quando o retrato individual é substituído pelo retrato coletivo” (FREUND, 1994, p. 107). Com o passar dos anos, as fotos passaram a ilustrar as reportagens policiais. Corpos mutilados, histórias de crimes e tragédias passaram a ser foco das lentes, cada vez mais aperfeiçoadas devido aos avanços tecnológicos.

Os primeiros fotógrafos falavam como se a câmera fosse uma máquina copiadora; como se, embora as pessoas operassem as câmeras, fosse a câmera que visse. A invenção da fotografia foi saudada como um modo de aliviar o fardo de ter de acumular cada vez mais informações e impressões sensoriais. (SONTAG, 1997, p. 53)

O ato de fotografar sempre era focado nos extremos das classes sociais, segundo explica Sontag (1997) e por isso, os profissionais que fazem documentários preferem fazer fotos relacionadas à posição mais baixa, já que não utilizam as câmeras para “adular” os poderosos.

Durante mais de um século, os fotógrafos rondaram os oprimidos à espreita de cenas de violência, com uma consciência impressionantemente boa. A miséria social inspirou, nos bem situados, a ânsia de tirar fotos, a mais delicada de todas as atividades predatórias, a fim de documentar uma realidade oculta, ou, antes, uma realidade oculta para eles. (SONTAG, 1997, p. 36)

A autora destaca em seu livro, o modo de captar as imagens utilizado pela fotógrafa e escritora norte americana Diane Arbus, conhecida por “fotógrafa de aberrações”, devido suas fotos dramáticas preto e branco e cheias de oscilações de sombras. “Arbus dizia que o fotógrafo de quem mais se sentia próxima era Weegee, cujas fotos brutais de crimes e de vítimas de acidentes eram artigos de primeira necessidade para os jornais populares na década de 1940” (SONTAG 1991, p. 30).

Weegee era o apelido de Arthur Fellig, um dos fotógrafos pioneiros na editoria policial que teve as fotografias classificadas por Sontag (1997) como

‘perturbadoras’. E a paixão do fotógrafo virou também a de outros discípulos, colegas de profissão e, anos depois, dos produtores de programas televisivos policiaiscos

A autora conta que a essência da avaliação da estética das fotos sempre foi equívoca. “O conflito de interesse entre objetividade e subjetividade, entre demonstração e suposição, é insolúvel. Embora a autoridade de uma fotografia sempre dependa da relação com um tema [...], todas as pretensões da fotografia como arte devem enfatizar a subjetividade da visão” (SONTAG, 1991, p.77)

[...] de Stieglitz até o reinado de Weston —, pareceu que se havia assentado um ponto de vista sólido para avaliar fotos: luz impecável, habilidade de composição, clareza de tema, precisão de foco, perfeição de qualidade da cópia. Mas essa posição, vista em geral como westoniana — critérios essencialmente técnicos quanto ao que torna uma foto boa —, agora está falida. (SONTAG, 1991, p. 77)

Mesmo assim, para a pesquisadora, todo o complexo que envolva a “visão fotográfica” não conseguiria justificar a exclusão do trabalho do fotógrafo americano Edward Weston, conhecido como ‘mestre das curvas’.

“[...] mas incluiria também um grande número de fotos anônimas, não posadas, toscamente iluminadas, compostas de forma assimétrica, antes desdenhadas por sua falta de composição. A nova posição almeja liberar a fotografia, como arte, dos padrões opressivos da perfeição técnica; liberar a fotografia da beleza, também. Abre a possibilidade de um gosto global, em que nenhum tema (ou ausência de tema), nenhuma técnica (ou ausência de técnica) desqualifica a fotografia. (SONTAG, 1991, p. 77)

As imagens dos flagrantes da realidade, feitas por amadores, mesmo sem a perfeição exigida anteriormente, passaram a ser utilizadas pelos meios de comunicação, que perceberam que a sensação causada pelo foco no imediatismo, chamou imediatamente a atenção do público e se transformou em um valor notícia.

Mas, antes disso, essa fórmula de explorar a fragilidade humana em relação ao medo da criminalidade e das tragédias exibidas, já era amplamente utilizada. Segundo Bauman (2008, p. 8), “medo é o nome que à nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito. Vivemos numa era onde o

medo é sentimento conhecido de toda criatura viva”. Silveira (2013) chama de cultura do medo:

o que tem levado as pessoas a intensificarem suas próprias medidas visando uma suposta diminuição de vulnerabilidade, como a construção de muros e barreiras, assim como a se isolarem dentro de suas próprias casas, evitando sair a eventos e espaços públicos por medo da violência, o que configura uma mudança radical de comportamento, algo que beira a paranoia. (SILVEIRA, 2013, p.299)

Segundo Porto (2002), “violência real e representação da violência como forma de manifestação de exclusão simbólica e material são fenômenos interdependentes e se constituem em fatores orientadores da ação (ou da sua ausência)” (PORTO, 2002, p. 159). A autora¹⁹ exemplifica que são: “[...] quase que como resposta a carências, ausências, falhas, rupturas, aspectos que são, todos eles, frutos da explosão de múltiplas lógicas de ação, recurso disponível no rol de muitos outros possíveis” (PORTO, 2002, p.159).

Os meios de massa, se não são diretamente responsáveis pelo aumento da violência e da criminalidade, seriam, quando menos, um canal de estruturação de sociabilidades violentas, já que aí a violência é, não raro, apresentada como um comportamento valorizado. (PORTO, 2002, p. 160)

Esta visão é apoiada pelo filósofo francês Michaud:

[...] a violência, na mídia, seja ela estilizada ou não, seja ficção ou parte dos telejornais da atualidade serve, de uma certa maneira, a um descarregar-se, distender-se, dar livre curso aos sentimentos através do espetáculo. As cenas de violência são um sintoma da nervosidade da sociedade. (MICHAUD, 1996, p. 136)

O escritor atribuiu aos que dominam os canais de comunicação: “[...] o interesse de exagerar ou diminuir a violência de seus adversários ou a deles próprios” (MICHAUD, 1989, p. 17). Para o autor, a violência retratada no cotidiano acaba por criar uma insegurança nas pessoas.

¹⁹ Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222002000200007&script=sci_arttext. Acesso em: 04 abr 2021.

Ao ter acesso a esse conteúdo diariamente, temos a impressão de que vivemos em uma sociedade extremamente violenta. O sentimento de insegurança [...] raramente repousa sobre a experiência direta da violência. [...] Aqui, novamente, imprevisibilidade, caos e violência estão juntos. (MICHAUD, 1989, p. 13)

A violência ou sua representação são fenômenos interdependentes, de acordo com a visão de Porto (2015), feitos, segundo a autora, de fatores que orientam ou excluem a ação. “A violência pela violência organiza e orienta condutas” (PORTO, 2015, p.29). Sodré (1977) discorre sobre a importância da televisão como um dos integrantes da imprensa, responsável por assegurar a divulgação das informações para a comunidade.

O autor relata que o trabalho da mídia ultrapassa essa missão. Segundo ele, o meio de comunicação veicula os principais fatos ocorridos nas últimas horas, “mas também amplia, em novas formas, a centralização do poder e o disciplinamento do cidadão” (SODRÉ, 1977, p.16).

Bucci (2000) compara as identidades do país e da televisão, respectivamente agregadas ou não. “Pode-se pensar o Brasil a partir da televisão? Sim, sem dúvida. E talvez não haja mais a possibilidade de pensar o Brasil sem pensar a TV” (BUCCI, 2000, p. 8). A teoria do jornalista está ligada à popularidade mantida pelo meio de comunicação, desde sua estreia em 1950. De acordo com o site Ebiografia²⁰, a TV Tupi, primeira emissora de televisão da América Latina, foi inaugurada nesse ano pelo empresário, jornalista e político, Francisco Assis Chateaubriand.

Num país como o Brasil, em que a TV redefiniu o espaço público e reconfigurou a própria face da nacionalidade, a presença dos meios de comunicação é um fator incontornável para os educadores. [...] para uma população que lê pouco, dá à TV uma condição de monopólio da informação, ou seja, a TV monologa sem que outros meios lhe façam contraponto. (BUCCI, 2000, p. 9)

Devido a este acesso expressivo, a mídia tem um papel importante na construção de sentido dos telespectadores ao exibir fatos sociais. “Dentre eles a concentrada atenção à violência, sem a prerrogativa de combatê-la ou eliminá-la” (PEREIRA, 2003, p. 50). Para Andrade (2006), a TV provoca discussões e

²⁰ Disponível em: https://www.ebiografia.com/francisco_chateaubriand/. Acesso em 04 mai. 2022.

comportamentos em grande parte da população e contribui para a criação de novas formas de cultura.

Mas, este holofote gigante em cima da violência urbana pode gerar réus primários? Segundo alguns pesquisadores, a resposta é sim. Uma das experiências realizadas pelo psicólogo canadense Albert Bandura (1973) gerou a teoria da aprendizagem social, que afirma que ao assistirmos TV, o conteúdo pode ensinar novos comportamentos e padrões.

Na teoria de Tannenbaum (1.975), a exposição às imagens brutais na TV incentiva os telespectadores a serem agressivos. De igual forma, a pesquisa de Berkowitz (1962) concluiu que a exibição de conteúdo trágico e violento, provoca atitudes agressivas, pois enfraquece as inibições contra este tipo de comportamento. Rocha (1996) imputa à violência, a culpa pelo desrespeito aos direitos básicos:

[...] a violência, sob todas as suas formas, desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, sem os quais o homem deixa de ser considerado como sujeito de direitos e de deveres, e passa a ser olhado como um puro e simples objeto. (ROCHA 1996, p.10)

Em entrevista ao site da agência FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz) de Notícias²¹, publicada no dia 31 de janeiro de 2020, Cecília Minayo, disse acreditar que a violência, apesar de ter um conceito extremamente complexo, nasceu simultaneamente com a humanidade.

A autora disse que a violência é um acontecimento social desde a época de Adão e Eva. Minayo citou a passagem bíblica sobre a história trágica dos filhos do primeiro casal da terra. Gênesis, o primeiro livro da Bíblia, registrou o primeiro homicídio da história. “E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou” (Gn 4,8)²². Minayo, concluiu que, devido à alta complexidade da violência, que inclusive é compreendida como um problema de saúde pública, é impossível extingui-la do mundo.

A mesma teoria é defendida por Levisky (2010), que afirma que: “Ela [a violência] acompanha o homem desde tempos imemoriais, mas, a cada tempo, ela se manifesta de formas e em circunstâncias diferentes”. (LEVISKY 2010, p.

²¹ Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/46367>. Acesso em 24 abr. 2022.

²² Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/4> - Acesso em 25 abr. 2022.

6). O escritor diz que o ser humano identifica facilmente um caso de violência, já a conceitualização do termo depende das várias interpretações, dependendo dos costumes e cultura.

“[...] Pode-se dizer que, na contemporaneidade, o trauma e a dor mental estão presentes quando o insuportável afeta a espontaneidade e a autonomia do sujeito dentro de um determinado contexto (LEVISKY 2010, p. 7)”. O autor Álvaro de Aquino e Silva Gullo (1998) considera a violência: “[...] como um fenômeno social, analisada como um filtro que permite esclarecer certos aspectos do mundo social porque denota as características do grupo social e revela o seu significado no contexto das relações sociais”. (GULLO 1998, p. 105).

O escritor ainda fala dos efeitos causados pela violência urbana exibida pelos meios de comunicação e alerta que:

Os reflexos da interferência da mídia como geradora de violência afetam as ressignificações de valores, pontos de referência em torno do qual sujeito e sociedade se organizam e se equilibram. O real imita a ficção e a ficção, de fantasia se torna um ideal a ser concretizado. (GULLO, 2010, p. 12)

Para o pesquisador, “[...] a vocação da mídia deveria ser, em primeiro lugar, o de servir a paz, o bem, o justo e o progresso da humanidade, mas pode ser usada como instrumento para confundi-la.” (GULLO 2010, p.12). Ele explica que a exclusão do ser humano deriva de algum tipo de violência social. E é justamente: “[...] essa mesma sociedade que exclui e nega a consciência de que é, também, parcialmente corresponsável nas condições geradoras da exclusão e formação do elemento criminal”. (GULLO, 2010, p.11)

3.1 SENSACIONALISMO

O dicionário Priberam Online de Português define, inicialmente, o termo sensacionalismo²³, como “caráter ou qualidade sensacional” (SENSACIONALISMO, 2022). O mesmo dicionário traz na segunda definição da palavra sensacionalismo, o significado de “divulgação de notícias exageradas ou que causem sensação” (SENSACIONALISMO, 2022).

²³ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/sensacionalismo>. Acesso em 4 mai. 2022.

Amaral (2005) explica o conceito de sensacionalismo como definidor de produtos jornalísticos populares. Mas, conforme a autora, o gênero “[...] já não tem servido pela sua amplitude, pelos equívocos teóricos que normalmente o acompanham e pelas novas formas de popularização” (AMARAL, 2005, p. 2).

Foi justamente esta ambiguidade que deu má fama ao sensacionalismo.

Ficou muito relacionado ao jornalismo que privilegiava a superexposição da violência por intermédio da cobertura policial e da publicação de fotos chocantes, de distorções, de mentiras, e da utilização de uma linguagem composta por gírias e palavrões. (AMARAL, 2005, p. 2)

Pedroso (2001) define este modo de produção discursiva baseada em critérios de:

[...] intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de apresentação e construção do real social. (PEDROSO, 2001, p. 123)

O erro de definir o sensacionalismo em um único conceito pejorativo, conforme Amaral (2005), confunde o significado real da expressão.

O leitor entende sensacionalismo como uma palavra-chave que remete a todas as situações em que o meio de comunicação, no entender dele, tenha cometido um deslize informativo, exagerado na coleta de dados, publicado uma foto ousada, ou enveredado por uma linha editorial mais inquisitiva. Sensacionalista é a primeira palavra que a maior parte das pessoas utiliza para condenar uma publicação. (ANGRIMANI, 1995, p. 13)

Segundo Angrimani (1995), sensacionalismo é: “tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. É a produção do noticiário que extrapola o real e superdimensiona o fato” (ANGRIMANI, 1995, p. 16). Segundo o autor, um único imbróglio entre manchete, foto ou texto, pode aumentar a falta credibilidade junto ao leitor o telespectador.

4 DIREITOS HUMANOS E ÉTICA NO JORNALISMO

No telejornal Alerta Nacional, diariamente, são exibidas e escrachadas as imagens de vítimas; acusados de crimes, que são prejulgados como culpados pelo apresentador; de homossexuais, como se a orientação sexual fosse uma contravenção; de corpos de vítimas de acidentes; de mortos, inclusive adolescentes, em confrontos armados com criminosos ou policiais, com comemoração musical pelas mortes violentas.

Nesse estudo, está sendo proposta uma reflexão, embasada pelo Código de Ética dos Jornalistas, e dos Direitos Humanos, sobre o significado desse tipo de cobertura jornalística. Conforme o artigo 1º, inciso III, da Constituição Federal Brasileira, o princípio da dignidade humana está entre as bases de todos os direitos fundamentais. É como também avalia Bonavides (2001): “nenhum princípio é mais valioso para compendiar a unidade material da Constituição, que o princípio da dignidade da pessoa humana” (BONAVIDES, 2001, p. 256).

Além disso, expor indevidamente as imagens de vítimas e estimular discursos preconceituosos ferem o artigo 5º da Constituição Federal Brasileira²⁴ que assegura que:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (BRASIL, 1988)

O inciso 5 do mesmo artigo diz que: “é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem” (BRASIL, 1998). O inciso 10, ainda do artigo 5º, reforça que: “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação” (BRASIL, 1988).

²⁴ Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm#:~:text=I%20%2D%20construir%20uma%20sociedade%20livre,quaisquer%20outras%20formas%20de%20discrimina%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 19 mai 2021.

Quanto aos presos, o inciso 49 do artigo 5º diz que: “é assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral” e o inciso 57 alerta que: “ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória”. Isso quer dizer que os suspeitos de crimes não podem ser julgados à revelia durante um telejornal.

A emenda constitucional número 115, incluída neste ano (2022) assegura no inciso 59, ainda do artigo 5º: “(...) nos termos da lei, o direito à proteção dos dados pessoais, inclusive nos meios digitais. A exposição das imagens dos presos, também é proibida pela lei número 13.869, de 5 de setembro de 2019, que dispõe sobre os crimes de abuso de autoridade, cometidos por agente público, com a finalidade específica de prejudicar alguém.

O artigo 13 da lei fala sobre o crime e a pena do agente que: “Constranger o preso mediante violência ao: I - exhibir-se ou ter seu corpo ou parte dele exibido à curiosidade pública; II - submeter-se a situação vexatória ou a constrangimento não autorizado em lei” (BRASIL 2019). A pena prevista é de 1 a 4 anos de detenção e multa.

O direito à proteção das imagens pessoais também está incluso no inciso VIII do artigo 6º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que orienta que: “é dever do jornalista respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão” (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS, 2007). O cuidado com as imagens gravadas e divulgadas também é de responsabilidade dos jornalistas.

O inciso V do artigo 12, do código de ética diz que “o jornalista deve: rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotomontagem, edição de imagem, reconstituição de áudio ou quaisquer outras manipulações” (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS, 2007).

A ética, segundo o Dicionário Priberam, é a “parte da filosofia que estuda os fundamentos da moral e um conjunto de regras de conduta de um indivíduo ou de um grupo” (ÉTICA, 2021). Conforme Bilbeny (2012), além de divulgar notícias verídicas ao público, o jornalista tem por obrigação ouvir todas as partes citadas e buscar pelas respostas das perguntas feitas pelo público.

A ética do jornalismo possibilita uma batalha contra interesses políticos e empresariais. O dever de incluir na reportagem todas as versões dos envolvidos no fato, dando a mesma importância a cada resposta, permite que a notícia seja divulgada com o máximo de ângulos possível. Segundo Karam (2014):

Os limites cotidianos, no jornalismo, vivem a tensão entre a possibilidade de realização da ética e as dificuldades teórico-operacionais para execução dos princípios, o que equivale dizer que o movimento moral é sempre presente. (KARAM, 2014, p.52)

No Brasil, segundo o site do Senado Federal²⁵, está sendo analisada uma sugestão legislativa que proíbe a exibição de programas policiais pela televisão aberta das 6 às 22 horas. A ideia encaminhada por meio do Portal e-Cidadania²⁶ foi enviada à Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa.

A sugestão foi apresentada pelo empresário Jonas Rafael Rossato, que recebeu quase 22 mil assinaturas. Ele justifica sua proposta com o artigo 76 do ECA²⁷ (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990) que diz: “as emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infante juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas” (BRASIL, 1990).

Uma pesquisa, feita entre os dias 2 de maio e 2 de junho, de 2021 pelo Interozes, Instituto Alana e Andi, sobre Violações de direitos de crianças e adolescentes em programas policiais²⁸, analisou 5 programas de televisão, entre eles o Alerta Nacional. Dos 15 casos avaliados de forma aprofundada, 7 foram exibidos no telejornal comandado por Sikera Junior.

Foram identificadas violações de 14 normas da Constituição Federal, Lei de Execução Penal e Estatuto da Criança. O objetivo do levantamento foi de

²⁵ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/09/18/proposta-preve-a-proibicao-de-programa-policia-em-tv-aberta-das-6h-as-22h>. Acesso em: 25 nov 2020.

²⁶ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=137569>. Acesso em: 25 nov 2020.

²⁷ Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/legislacao/eca.pdf>. Acesso em: 12 abr 2021.

²⁸ Disponível em: <https://app.rios.org.br/index.php/s/EPkB8QFci7B9pFW>. Acesso em 13 nov 2021.

propor que seja firmado um Termo de Ajustamento de Conduta entre o Ministério Público Federal e as emissoras:

[...] com regras para o financiamento público de programação de rádio e televisiva, de forma a não financiarem violações de direitos fundamentais; seja proposta ação civil pública com pedido de obrigação de não fazer para as empresas públicas, sociedades de economia mista ou órgãos da Administração Pública Federal deixarem de anunciar nos programas policiais, sob pena de multa por descumprimento. (INTERVOZES, ALANA E ANDI, 2021)

Outra pesquisa foi feita pela ONG Andi Comunicação e Direitos²⁹, que analisou em 2015, 30 telejornais policiais de emissoras de rádio e TV das capitais: Brasília, São Paulo, Belém, Curitiba, Rio de Janeiro, Campo Grande, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza. Durante um mês, as mídias monitoradas cometeram, pelo menos 15.700 violações de direitos e de leis.

Entre as irregularidades, estão: as exposições indevidas de pessoas; discurso de ódio e preconceito; identificação de adolescentes em conflito com a lei; violação do direito ao silêncio; tortura psicológica e tratamento desumano; incitação à desobediência às leis; desrespeito a presunção de inocência; e estímulo à violência.

Dois incisos do artigo 7 do Código de Ética dos Jornalistas, orienta que o jornalista não pode:

IV - Expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais;

V - Usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime". (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS, 2007)

É vedado ainda no artigo 11 da mesma lei: "a divulgação de informações de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes" (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS, 2007). O mesmo código ainda é contra o pré-julgamento e condenação sumária, por parte dos jornalistas, de suspeitos de crimes

²⁹ Disponível em: https://intervozes.org.br/wp-content/uploads/2015/06/guia_violacoes_volumei_web.pdf. Acesso em 12 nov 2021.

mostrados nos telejornais. Segundo o artigo 9 da lei “a presunção de inocência é um dos fundamentos da atividade jornalística” (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS, 2007).

Para Chaparro (2001, p. 43), as “interações do jornalista com a fonte envolvem conflitos e acordos inevitáveis, porque a interlocução é viva, interessada”. Ainda assim, mesmo sendo livre para direcionar o gancho da matéria ou a linha editorial, conforme Cornu (1999), a mídia não deve passar por cima de certos limites, tendo como justificativa o interesse público.

Na pressa de divulgar furos de reportagem ou notícias exclusivas, alguns jornalistas, muitas vezes, deixam de lado a primordial checagem minuciosa da informação, a ética, o cuidado de proteger a identidade de uma fonte sigilosa ou a imagem de uma empresa, que não está ligada ao crime ou ação. Mas, Cornu (1999, p. 83), alerta que toda esta “liberdade de imprensa e o dever de informação do público não autorizam tudo”.

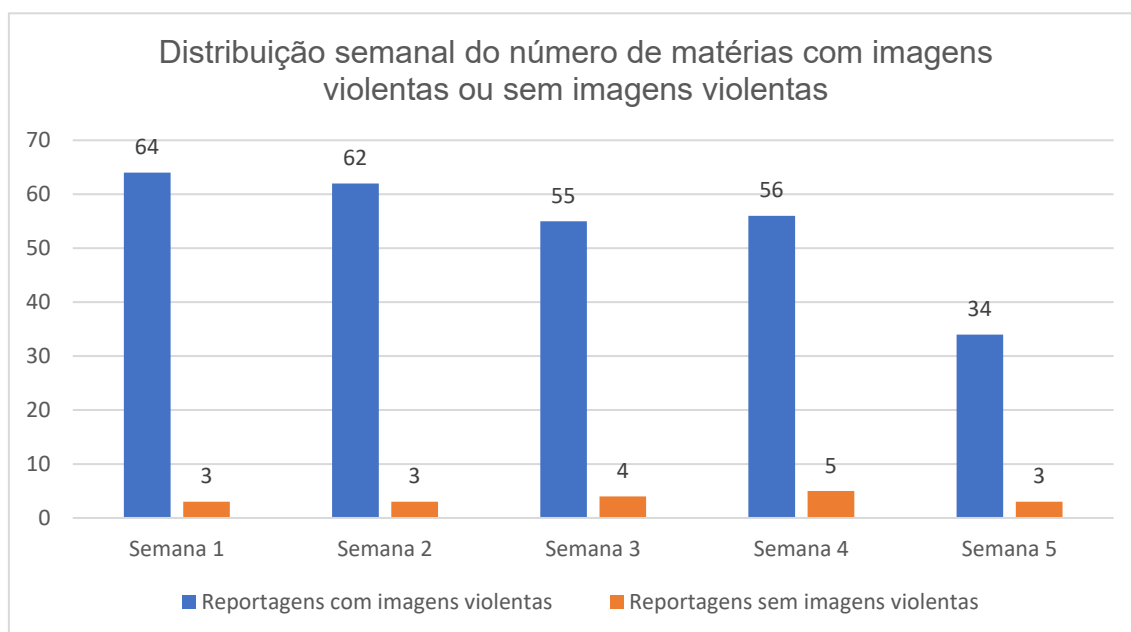
5 ANÁLISE DE DADOS

No Brasil, a programação da maioria das emissoras de televisão utiliza reportagens sobre crimes bárbaros e cenas violentas em telejornais policiais. Um dos mais populares é o Programa Alerta Nacional, comandado pelo apresentador de TV, ator e radialista José Siqueira Barros Júnior, 54 anos, conhecido como Sikera Junior.

Para fazer a Análise de Conteúdo da amostra sugerida, o primeiro passo foi assistir às 34 horas e 30 minutos, entre 289 reportagens, comentários, participações de jornalistas e merchandisings, dos 23 programas do telejornal Alerta Nacional. Na sequência, foi feita a “leitura flutuante” para saber quais os principais temas das reportagens e suas respectivas abordagens.

Nesta etapa foram escolhidos e quantificados, por edição de programa, os tipos de crimes violentos ou de outras editoriais que pautaram as matérias, para posterior análise. Na sequência, foi quantificada, por semana, o número de reportagens cobertas com imagens violentas e não violentas, veiculadas durante as 5 semanas da amostra assistida (de 1 a 31 de março de 2021³⁰).

Gráfico 1- Diferença entre matérias com ou sem imagens violentas.

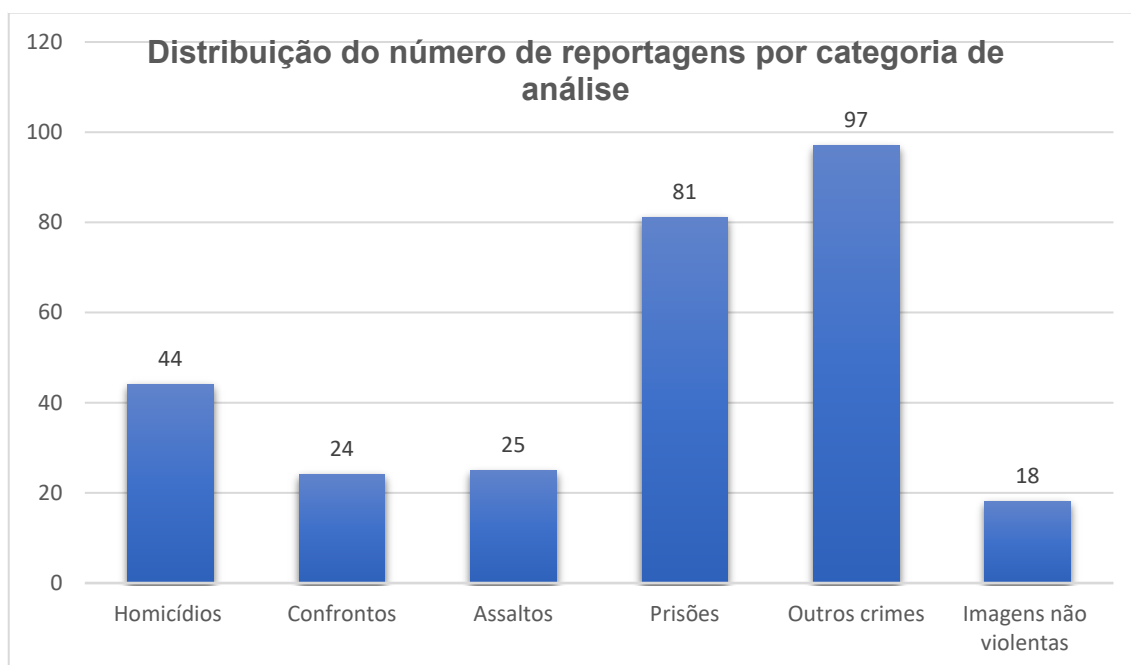


Fonte - Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

³⁰ A quinta semana da amostra é mais curta, devido incluir somente os 3 últimos dias (29,30 e 31) do mês de março de 2021. Por isso a quantidade de reportagens exibidas nesta semana também foi menor.

O gráfico 1 mostra a diferença das quantidades de matérias com e sem imagens violentas exibidas no telejornal no período assistido. O corpus foi estruturado mediante estes indicadores que são base para a elaboração formal do material e que também serviram para orientação e interpretação dos dados. A fase da exploração do material foi realizada a partir da codificação, onde foram definidas 6 categorias³¹ (gráfico 2) relacionadas às matérias reportadas sobre casos de: (1) homicídios; (2) confronto entre polícia e suspeitos de crimes; (3) assaltos; (4) outros crimes³², (5) prisões e (6) imagens não violentas.

Gráfico 2 - As 6 categorias definidas englobam tipos de crimes, prisões e matérias sem imagens violentas.



Fonte - Elaborado pela autora a partir dos dados coletados.

Na primeira semana, de 1º a 5 de março, foram exibidas 67 matérias, oscilando entre 11 e 16 reportagens por dia. Este número representa 23,19% da amostra assistida. Foram levadas ao ar, neste período, 9 reportagens sobre homicídios, que resultaram nas mortes de 12 pessoas. Isso porque, algumas matérias relataram as mortes de mais de uma vítima.

³¹ Após a análise do material, foram ajustadas as categorias definidas previamente.

Foram divulgados no programa Alerta Nacional, 5 reportagens sobre confrontos entre polícia e suspeitos de crimes; quando morreram 10 pessoas, o dobro da amostra da segunda categoria; e 1 pessoa ficou gravemente ferida. Com relação a terceira categoria, assaltos, foram mostradas 4 matérias, inclusive com as prisões de 11 suspeitos.

Foram assistidas a 11 reportagens sobre outros crimes³³. Na semana inicial da amostra, foram assistidas 36 reportagens sobre prisões de suspeitos de diversos crimes. Nos 5 dias, 82 pessoas foram levadas para delegacias das polícias Civil e Federal de todo país. Ainda foram mostrados 2 materiais relacionados a imagens não violentas³⁴.

Na segunda semana assistida, de 8 a 12 de março, o telejornal exibiu 65 matérias, com oscilação de 11 a 15 por dia. Foram mostrados 10 materiais sobre homicídios, quando 14 pessoas morreram. A categoria confrontos foi pauta para 3 reportagens, que mostraram as mortes de 6 suspeitos de crimes. Foram veiculadas 10 reportagens sobre assaltos.

Entre eles 1 latrocínio (roubo seguido de morte da vítima), que representa 10% da amostra da categoria e 3 tentativas de latrocínios, ou seja, neste caso as vítimas ficaram feridas, mas sobreviveram. Para mostrar cenas de alguns crimes assistidos durante análise da amostra, foram utilizados frames das imagens das reportagens, retiradas do site da RedeTV, que não expusessem o momento do crime e nem vítimas ou acusados.

Parte dos assaltos divulgados nas reportagens foi flagrada por câmeras de segurança, como mostra a figura 1. Outros foram filmados por testemunhas de crimes ou até mesmo pelos próprios bandidos, para tentar intimidar as vítimas do 'tribunal do crime'. Além de ser utilizado para ilustrar o conteúdo jornalístico, esses vídeos fazem parte dos inquéritos policiais, que buscam provas para a identificação do assaltante e a respectiva prisão.

³⁴ Festas no ápice da pandemia de covid-19, política, comportamento, Coronavírus, casamento em ônibus e lendas urbanas.

Figura 1 - Câmera de segurança flagra assalto.



Fonte: Site RedeTV 1

Já relacionadas à categoria outros crimes, foram exibidas 19 reportagens. Vinte e uma matérias de prisões foram veiculadas. e 4 reportagens foram cobertas com imagens não violentas. Entre as reportagens e participações ao vivo, no programa do dia 9 de março de 2021, um dos integrantes do elenco do apresentador Sikera Júnior, foi o protagonista do quadro: “Desafio do Milhão, Toalha Podre³⁵ Depilou o Caneco”³⁶, onde o colaborador, usando uma peça íntima aberta nas nádegas, passou por uma depilação ao vivo.

O quadro causou ao telespectador a sensação de violência contra o trabalhador, que aparentemente foi submetido ao processo de depilação de forma coercitiva. As imagens, transmitidas ao vivo, mostram o integrante do elenco com os pés e mãos imobilizados pelos colegas de equipe, enquanto uma profissional faz a depilação das nádegas dele, como mostra a figura 2.

³⁵ Enisson Lima, ex integrante do elenco do apresentador Sikera Junior. Ele se demitiu em 11 de março de 2022, conforme link - https://www.youtube.com/watch?v=wJxYUT0BQc&ab_channel=SikeraJunior. Acesso em 08 mai. 2022.

³⁶ Disponível em: <https://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/alertanacional/videos/todos-os-videos/alerta-nacional-09-03-21-%7C-completo>. Acesso em 24 abr. 2022.

Figura 2 – Sikera Júnior narra o momento em que o colaborador Toalha Podre, imobilizado pelos colegas de trabalho, tem as nádegas depiladas ao vivo.



Fonte: Site RedeTV

A ação pode ter violado o inciso III do artigo 1º, que integra os fundamentos da Constituição Federal Brasileira³⁷ e que assegura “a dignidade da pessoa humana” (BRASIL, 1988). A atração pode ainda ter descumprido pelo menos 3 incisos do artigo 5º da Carta Magna: o III, que diz que “ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano degradante”; o V que assegura “[...] o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem”; e o X, que reforça que: “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação” (BRASIL, 1988).

O constrangimento provocado pela situação vexatória e humilhante que o colaborador do programa Alerta Nacional foi submetido, também pode ser gerar pedido de indenização trabalhista. Conforme o artigo 223 A, incluído pela Lei Nº 13.467 de 13 de julho de 2017³⁸ à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de

³⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 08 mai. 2022.

³⁸ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13467.htm#art1. Acesso em 08 mai. 2022.

1.943³⁹: “aplicam-se à reparação de danos de natureza extrapatrimonial decorrentes da relação de trabalho apenas os dispositivos deste Título” (BRASIL, 1943).

A reparação é justificada no artigo 223 C, também da CLT, no caso de danos a: “honra, a imagem, a intimidade, a liberdade de ação, a autoestima, a sexualidade, a saúde, o lazer e a integridade física são os bens juridicamente tutelados inerentes à pessoa física” (BRASIL, 1943). Os tópicos listados no artigo 223 G, que devem ser considerados pelo juízo são:

I - a natureza do bem jurídico tutelado; II - a intensidade do sofrimento ou da humilhação; III - a possibilidade de superação física ou psicológica; IV - os reflexos pessoais e sociais da ação ou da omissão; V - a extensão e a duração dos efeitos da ofensa; VI - as condições em que ocorreu a ofensa ou o prejuízo moral; VII - o grau de dolo ou culpa; VIII - a ocorrência de retratação espontânea; IX - o esforço efetivo para minimizar a ofensa; X - o perdão, tácito ou expresso; XI - a situação social e econômica das partes envolvidas; XII - o grau de publicidade da ofensa. (BRASIL, 1943)

O valor da indenização oscila de acordo com o grau dos danos causados.

I - Ofensa de natureza leve, até três vezes o último salário contratual do ofendido; II - ofensa de natureza média, até cinco vezes o último salário contratual do ofendido; III - ofensa de natureza grave, até vinte vezes o último salário contratual do ofendido; IV - ofensa de natureza gravíssima, até cinquenta vezes o último salário contratual do ofendido. (BRASIL, 1943).

O artigo 3º da mesma lei explica que, “na reincidência entre partes idênticas, o juízo poderá elevar ao dobro o valor da indenização” (BRASIL, 1943). Ao assistir ao quadro, foi possível verificar que a ética, os direitos legais e deveres não estão limitados somente às vítimas, personagens e suspeitos das reportagens gravadas e editadas, mas também abrangem todos os profissionais envolvidos na produção do conteúdo jornalístico, atrás ou a frente das câmeras.

A próxima a ser analisada foi a terceira semana, de 15 a 19 de março, quando foram mostradas 59 matérias, oscilando entre 11 e 13 por dia. Os telespectadores assistiram a 6 reportagens de homicídio e 8 matérias sobre

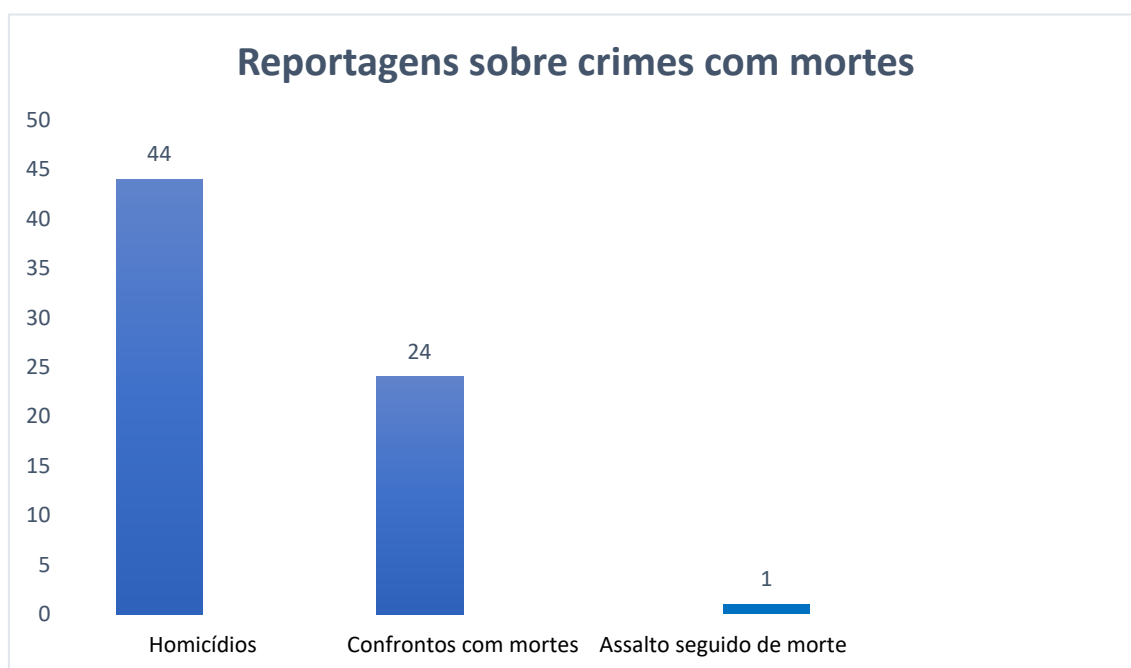
³⁹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em 08 mai. 2022.

confrontos entre policiais e suspeitos de crimes. Na terceira semana, não foi exibida matéria sobre assaltos.

O programa mostrou 20 matérias sobre outros crimes. Já sobre a categoria de análise prisões, foram mostradas reportagens. O telejornal veiculou 3 materiais sobre temas que utilizaram imagens não violentas. Sessenta e uma matérias foram assistidas na quarta semana, de 22 a 27 de março, que oscilou entre 9 e 14 por dia.

Foram levadas ao ar 14 reportagens sobre homicídios. Os repórteres relataram 2 confrontos entre policiais e suspeitos de crimes, que deixaram mortos e feridos. Foram contadas as histórias de 7 assaltos e mostradas 22 matérias sobre outros crimes. O telejornal exibiu 11 matérias de prisões. Também foram exibidas 5 matérias com imagens não violentas. O gráfico 3 mostra os números de matérias sobre crimes com mortes.

Gráfico 3 – Em março de 2021, foram reportadas 69 matérias sobre mortes violentas..



Fonte - Elaborado pela autora a partir dos dados coletados.

A grande quantidade de reportagens que mostraram corpos mutilados, fuzilados, desfigurados ou em poças de sangue e vidro, mostra que esses materiais grotescos atendem aos critérios que influenciam na seleção do

material, ou seja o valor-notícia, que é exibido no telejornal. E toda essa violência rende audiência, segundo dados aferidos pelo Kantar Ibope (2021), Sikera Junior consegue bater 3 pontos de pico e pelo menos 2,5 de média.

Na semana 5, o Alerta Nacional mostrou nos dias 29, 30 e 31 de março, um total de 37 matérias e o número diário de reportagens variou entre 11 e 13. A categoria homicídios pautou 5 reportagens e a confrontos com mortos e feridos. Um destes locais de homicídio é ilustrado com a figura 3, no momento em que as polícias civil e militar analisam a cena do crime.

Figura 3 - Corpo de vítima de homicídio, coberto com lençol e rodeado de policiais e curiosos.



Fonte: Site RedeTV

Na última semana assistida, foram ainda levados ao ar, 3 materiais sobre assaltos e outros 12 sobre outros crimes. Dez reportagens relacionadas a prisões foram veiculadas. A categoria de imagens não violentas foi tema de 2 reportagens. Após estes dados serem divididos em quantidade e tipos de crimes, foram somados os números das reportagens exibidas nas 5 semanas analisadas, que totalizaram 289 matérias.

Foram separadas então as 18 reportagens sobre pautas que utilizaram imagens não violentas. Esta quantidade foi reduzida das 289 unidades. Com

isso, foi possível chegar ao número de 271 materiais que são sobre crimes, exibiram algum tipo de imagem de violência e incluíam os temas definidos como unidades de registro.

Para chegar até a proporcionalidade de conteúdo relacionado ou não com os indicadores, foi utilizada a regra de três simples. Com o cruzamento dos dados coletados nas 5 semanas assistidas, foi possível descobrir que as 271 matérias que utilizaram imagens violentas representam 93,78% da amostra. As outras 18 reportagens, equivalentes aos 6,22% restantes, são referentes às reportagens que não foram cobertas com imagens violentas.

O gráfico 4 mostra uma grande diferença entre as quantidades de matérias que exibiram imagens brutais e as que mostraram outros critérios de noticiabilidade. A preferência é devido à grande audiência que estes fatos grotescos atraem. Sontag (2003) avalia que “Como objetos de contemplação, imagens de atrocidades podem atender a diversas necessidades. Podem nos enrijecer contra a fraqueza. Tornar-nos mais insensíveis. Levar-nos a reconhecer a existência do incorrigível” (SONTAG 2003, p. 29)

Gráfico 4- Pesquisa mostrou que 94% das reportagens mostram imagens violentas.



Fonte - Elaborado pela autora a partir dos dados coletados.

A autora diz que “a violência transforma em coisa toda pessoa sujeita a ela” (SONTAG, 2003. P. 7). Para a pesquisadora, a busca pelos fatos que

retratam a tortura ao ser humano, desde que não seja a aflição de quem assiste, é uma das justificativas para transformar a desgraças retratadas em espetáculo com casa cheia.

Trata-se de uma visão do sofrimento, da dor dos outros, que está enraizada no pensamento religioso e vincula a dor ao sacrifício, o sacrifício à exaltação — uma visão que não poderia ser mais alheia à sensibilidade moderna, que encara o sofrimento como um erro, um acidente ou um crime. Algo a ser corrigido. Algo a ser recusado. Algo que faz a pessoa sentir-se impotente. Que fazer com um conhecimento como o que trazem as fotos de um sofrimento distante? As pessoas, muitas vezes, se mostram incapazes de assimilar os sofrimentos daqueles que lhes são próximos. (SONTAG, 2003, p. 29 e 30)

No conteúdo assistido, entre as matérias que expuseram a desgraça alheia estão 44 histórias de homicídios, ou seja 15,23% de toda amostra; e outras 24 reportagens sobre confrontos armados com mortes e feridos, que representam 8,31% do material assistido. Além disso, 25 materiais sobre assaltos, ou seja 8,65% da amostra geral, foram veiculados.

Destes, 1 terminou com a morte da vítima e outros 4, com as vítimas gravemente feridas pelos criminosos. Já a categoria outros crimes, registrou 97 reportagens, equivalentes a 33,56% do material assistido. Essa categoria obteve o maior percentual da amostra analisada, devido a soma das dezenas de tipos de crimes relatados durante as edições assistidas.

Segundo Silva (2021), no artigo “Tipos de crimes, entenda os mais comuns no Brasil”, publicado no site do Diário Oficial da União⁴⁰, o Código Penal Brasileiro⁴¹ lista esses crimes:

[...] contra a administração pública; contra a pessoa; contra o patrimônio; crimes de imprensa e contra a honra; crimes ambientais; crimes eleitorais; crimes de responsabilidade; crimes contra a propriedade imaterial; crimes contra a organização do trabalho; crimes contra o sentimento religioso e contra o respeito aos mortos; crimes contra a dignidade sexual; crimes contra a família; crimes contra a incolumidade pública; crimes contra a paz pública; crimes contra a fé pública. (SILVA, 2021, ONLINE)

⁴⁰ Disponível em: <https://e-diariooficial.com/tipos-de-crimes-entenda-os-mais-comuns-no-brasil/>. Acesso em 09 mai. 2022.

⁴¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em 09 mai. 2022.

Durante as 5 semanas investigadas, foram divulgadas 81 matérias sobre (5) prisões, ou seja, 28,03% da amostra. Conforme um levantamento feito em junho de 2021 pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen)⁴², 820.689 pessoas estavam no sistema prisional do Brasil. Destas, 673.614 em celas e outras 141.002 em prisão domiciliar. Sobre a exposição das imagens dos suspeitos dos crimes, no caso do programa Alerta Nacional, foi possível avaliar, ao assistir a amostra, que os vídeos dos presos entrando no camburão da Polícia Militar e descendo do veículo na delegacia são repetidos várias vezes antes, durante e depois da reportagem, no comentário do apresentador.

A pesquisa mostra que a forma de filmar estes personagens exige que os cinegrafistas sejam malabaristas. Isso porque, a missão de focar os rostos dos suspeitos não é nada fácil. Algemado, o detido abaixa a cabeça ou cobre o rosto com capuz improvisado com camiseta, na tentativa de não ter a imagem exposta ao espetáculo. Devido as dificuldades para executar a tarefa a maioria das imagens foge do enquadramento, iluminação e foco padrões.

Foi observado durante a exploração do material coletado, que a cobertura de um crime pode se desdobrar em reportagens sobre outras ocorrências. Uma matéria sobre um assalto, por exemplo, dependendo do que aconteceu, pode se transformar no relato de: um latrocínio, que é o roubo seguido da morte da vítima; de um confronto armado, caso o criminoso troque tiros com a polícia; e até na matéria sobre prisões dos assaltantes.

No caso de tráfico de drogas, a cobertura do material pode se desdobrar em relatos sobre: homicídio; latrocínio; confrontos; assaltos; furtos; violência doméstica; ou prisões. Outra constatação, feita através da análise das entrevistas com os personagens, é de que podem ser feitas reportagens sobre crimes intencionais ou não, com diferentes motivações e formas de execução. Uma reportagem sobre um homicídio pode reportar a morte de uma pessoa a facadas, com tiros, agressão, asfixia ou até no trânsito.

⁴² Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/assuntos/noticias/segundo-levantamento-do-depen-as-vagas-no-sistema-penitenciario-aumentaram-7-4-enquanto-a-populacao-prisional-permaneceu-estavel-sem-aumento-significativo#:~:text=Desses%2C%20673.614%20est%C3%A3o%20celas%20f%C3%ADscas%20e%20141.002%20presos%20em%20pris%C3%A3o%20domiciliar>. Acesso em 09 mai. 2022.

Assistindo às sonoras dos personagens das reportagens e analisando as imagens utilizadas, foi percebido que nos locais de crimes trabalham: policiais militares, civis, federais, rodoviários estaduais e federais, guardas municipais, peritos do Instituto de Criminalística, bombeiros, equipes do SAMU e agentes do Instituto Médico Legal. Dependendo da gravidade do crime, são os grupos de elite das forças de segurança que atendem a ocorrência.

Foi possível compreender, ao assistir aos programas, que cada ator social presente tem um papel determinado por sua função. As sonoras dos bombeiros e integrantes do SAMU mostraram que estes atores sociais têm a missão de resgatar, dar os primeiros socorros aos sobreviventes e fazer o encaminhamento deles aos hospitais mais próximos.

Os médicos e socorristas ainda podem determinar, no local do fato ou a caminho das casas de saúde, os óbitos das vítimas gravemente feridas que não resistiram aos ferimentos. Os policiais militares são responsáveis pelo isolamento da cena do crime, efetuar prisões em flagrante ou em cumprimento de mandados, policiamento preventivo e manter a ordem.

Segundo os policiais militares entrevistados, todas as informações e pessoas detidas são encaminhadas para a polícia civil. Os delegados explicaram durante as entrevistas, que as Polícias Civil e Federal são responsáveis pela investigação dos crimes. Ou seja, são eles que são responsáveis por definir a linha de investigação, motivação para o crime e autuações dos suspeitos.

Após essa investigação, o delegado conclui o inquérito e envia para o Ministério Público Estadual ou Federal, dependendo do crime, para o julgamento. Quanto às imagens exibidas nas reportagens, boa parte delas é gerada por flagrantes de câmeras de monitoramento instaladas em ruas, imóveis e em veículos; ou feitas por populares que compartilham os vídeos com os meios de comunicação.

Além de cobrir as reportagens, as imagens destes flagrantes são utilizadas com frequência pela polícia, para elucidar os crimes. Mas também são utilizadas muitas imagens feitas pelos cinegrafistas profissionais, que correm atrás dos melhores flagrantes e ângulos, em busca da exclusividade e da consequente garantia de audiência.

A partir da pesquisa, foi possível obter uma percepção inicial sobre os perfis dos suspeitos, personagens protagonistas das coberturas jornalísticas. Há ainda a análise sobre a apresentação do programa e das participações ao vivo de repórteres das praças da emissora, em todo país. Sotaques e abordagens diferenciadas, devido à linha editorial seguida e aos costumes de cada região, são utilizados na interação, em busca da aproximação entre profissionais, telespectadores, e consequentemente anunciantes.

A maioria dos repórteres abusa do sensacionalismo e os demais narram as ocorrências de forma mais objetiva, no padrão de telejornal tradicional. Do outro lado da tela, o apresentador se reveza nos comentários sobre as matérias, nas propagandas, comandando os quadros, que na maioria das vezes acabam no improviso.

Para mostrar parte da dinâmica do programa, durante o estudo, foram transcritos alguns trechos de comentários do âncora do telejornal e interação com repórteres. Na atração do dia 04 de março de 2021⁴³, aos 2'55" de programa, Sikera pede "a cunha" para o sonoplasta Renato, que solta o áudio de um locutor avisando: "CPF foi cancelado".

Os colaboradores desfilam de um lado para o outro com grandes CPFs com a tarja vermelha de cancelado, como mostra a figura 4, enquanto Sikera sapateia atrás, repetindo por várias vezes "CPF cancelado". O apresentador faz a chamada da reportagem sobre um confronto entre a polícia e um suspeito, que aconteceu no Pará. Sikera interage com o repórter Jamerson Santos, que conta a história do jovem de 21 anos, que foi denunciado para polícia pela própria mãe.

⁴³ Disponível em: <https://www.redeTV.uol.com.br/jornalismo/alertanacional/videos/todos-os-videos/alerta-nacional-04-03-21-%7C-completo>. Acesso em 03 mai. 2022.

Figura 4- Sikera Júnior e elenco comemoram CPF cancelado



Fonte: Site RedeTV 2

Segundo o repórter, quando a polícia chegou, foi recebida a tiros que teriam sido disparados pelo suspeito, que morreu no confronto. Após a matéria ser exibida, Sikera pede para que seja colocada na tela, a foto do suspeito que morreu e fala:

[Trecho1] mostra a cara dele. Ei, psiu. Pensa num homem lorde. As minas piram viu? As minas piram. Tem mulher que só gosta assim. É a “menina delegada”, só pega vagabundo. A mãe chamou a polícia por que não aguentava mais. Imagine, imagine o que a mãe dessa coisinha, dessa coisinha passou. A mãe ele não respeitava, imagina a sua mãe!. (SIKERA JUNIOR 2021)

O âncora do programa pergunta para o elenco do telejornal:

[Trecho 2 - Sikera Jr]: então, se ele trocou tiro com a polícia, ele se aaa?

[Elenco] rrombouuu!

[Sikera Jr:] a cunha Renato (ALERTA NACIONAL 2021)

Na sequência, a música ‘se arrombou’ é cantada pelo apresentador e elenco:

[Trecho 3] se arrombou, se arrombou, trocou tiro com a polícia, a bala bateu e voltou. Se arrombou, se arrombou! Trocou tiro com a polícia, a bala bateu e voltou. (ALERTA NACIONAL 2021)

Figura 5 - Sikera e elenco comemoram morte de suspeito em confronto com a polícia.



Fonte: Site RedeTV 3

A figura 5, mostra o apresentador e o elenco dançando e cantando, em comemoração da morte de um suspeito que trocou tiros com a polícia e morreu no confronto armado. Na imagem original, o rosto do suspeito está sendo mostrado, mas no frame utilizado para ilustrar este estudo, para não identificar o acusado, foi desfocado o rosto dele. O âncora segue com a farra e diz:

[Trecho 4 Sikera Jr]: Ele arrombou! Ele morreu?

[Elenco] morreuuuu!

[Sikera Jr]: Ele morreu?

[Elenco] morreuuuu!

[Sikera Jr] problema dele, antes ele do que eu! (ALERTA NACIONAL 2021)

O comandante da atração volta a pedir mais uma vez a “cunha” e começa a cantarolar outra música acompanhado dos colaboradores:

[Trecho 5] ele morreu? (morreu), ele morreu (morreu). Problema dele, antes ele do que eu! Ele morreu (morreu). Ele morreu (morreu). Problema dele, antes ele do que eu! Morreu! (ALERTA NACIONAL 2021)

No telejornal do dia 8 de março de 2021⁴⁴, aos 55'49" do Alerta Nacional, Sikera Júnior faz a chamada da reportagem sobre um duplo homicídio, onde mãe e filho foram assassinados a facadas na zona leste da capital paulista. O principal suspeito do crime, um jovem de 18 anos, vizinho das vítimas foi preso em flagrante. Antes da matéria ir ao ar, o apresentador interage por meio do link, com o repórter Ranieri Zocolli.

O repórter fala sobre os crimes, a reportagem é levada ao ar e no retorno para Zocolli, ele termina a participação, informando que vizinhos relataram que o jovem sofre de esquizofrenia e epilepsia. O repórter questiona:

[Trecho 6 Raniere Zocolli] será que tudo isso aí é pra livrar ele aí um pouco da cadeia? A gente não sabe e continua investigando este caso.

[Sikera Jr] se ele tem todo este problema, fica tranquilo que lá dentro ele tem tratamento. Né, lá dentro do presídio tem tratamento. Põe a cara do vagabundo. Vagabundo maconheiro, viciado. A dona da casa, a mãe do garoto, viu esta coisa, fumando maconha na porta da casa dela e foi reclamar. Pra que ela fez isso? Ele invadiu a casa e matou a mãe e o filho. Ele matou os dois. Invadiu a casa dela, ela no primeiro andar, escutou os gritos do filho, foi socorrer, foi morta a facadas. Mostra o vagabundo agora. Ó o vagabundo aí. Agora eu te pergunto uma coisa, se essa mulher tivesse uma espingarda? Estavam vivos, não estavam? É logico, ela no primeiro andar vendo alguém no portão batendo pra entrar. O meu filho? Pra salvar a vida do meu filho e a minha? Antes ele do que eu. Espingarda nele. Simplesmente isso. O brasileiro tem que se armar. Ah, eu sou contra as armas. Não compre! [...] Você viu um vídeo aí, ahhh, os especialistas em armas e em segurança pública, que só botam pra lascar no brasileiro. (ALERTA NACIONAL, 2021)

Com a foto do suspeito no telão do cenário, o apresentador aponta para a imagem e diz:

⁴⁴ Disponível em: <https://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/alertanacional/videos/todos-os-videos/alerta-nacional-08-03-21-%7C-completo>. Acesso em 03 mai. 2022.

[Trecho 7] tá aqui, um vagabundo destes, maconheiro. Agora, tem problema mental. Ele tem problemas mentais. Vai curar lá dentro do presídio, tem remédio. Sikera pergunta: não tem médico? Tem médico pra tu (sic), (apontando para a foto do suspeito) tem médico pra você sem nenhuma fila. Pra mim e pra você se precisar do serviço público, nós estamos arrombados. Ele não. Ei, psiu! Café, almoço, jantar, banho de sol, futebol, exercícios, assistência médica e dentária. [...].. Você viu onde está a inversão? Um maconheiro deste está vivo pra contar a história e vai alegar o que ele quiser. A família, a mãe e o filho mortos. De uma maneira covarde, que esse maconheiro, safado. Ei psiu, uma espingarda resolvia. É a casa dela, é o filho dela, é a vida dela. Eu digo a você, qualquer juiz, em sua sã consciência daria a essa mulher a legítima defesa, qualquer juiz. [...] Tela cheia, tela cheia. [...] Olha o que ele faz. Ei, ele bateu no portão, ele jogou pedras. Oh, tava (sic) louco, com o rabo cheio de maconha. [...] É maconha que eles misturam com bosta de vaca, misturado com bosta de jumento, deve ser [...]. Os vizinhos perceberam, ouviram os gritos, os pedidos de socorro. Mas já era tarde. [...] Bota a cara dele de novo, bota a cara aí. Esse maconheiro safado. (SIKERA JÚNIOR, 2021)

Neste trecho, além de criticar os direitos dos detentos, que, segundo ele, sobrepõem aos dos trabalhadores, o apresentador ainda aborda a inversão de valores. Sikera fala da sensação de insegurança que um caso desta magnitude pode provocar e faz campanha pelo direito de todos terem acesso a armas de fogo, para defesa contra os bandidos.

As declarações feitas por ele neste comentário, podem ser consideradas como incitação ao crime, prevista no artigo 286 do Código Penal, que diz: “incitar, publicamente, a prática de crime: pena - detenção, de três a seis meses, ou multa” (CÓDIGO PENAL, BRASIL, 1940). O apresentador ainda julga e condena o suspeito, mesclando com os comentários inquisitórios contra os usuários de drogas.

Sikera continua o comentário afirmando que o que teria motivado os crimes, teria sido uma reclamação da vítima para o rapaz que estaria fumando maconha em frente à casa dela.

[Trecho 8] [...] rapaz não fuma aqui não. Vai fumar maconha na casa de sua mãe. [...] Se maconha for bom, ofereça maconha pra sua mãe agora. Pronto! Não é legal? Você não acha que é uma coisa bacana, uma planta, é uma coisa, é natural. Oferece a sua mãe. [...] Ofereça pro seu filho pequenininho, a partir de 3 anos, a idade do meu, teu filho de 3 ou 4 anos. Dê um ‘traguinho’ (sic) aqui na maconha que é natural. Se você der pro seu filho, e diga que é medicinal que é pra acalmar ele. Se você for, eu fumo também. Vai fumar nós dois nus. (SIKERA JÚNIOR, 2021)

Na crítica sobre as campanhas para descriminalização do uso da droga, o apresentador usou uma analogia irônica sobre a afirmação dos grupos pró a legalização da maconha. Amaro (2015), no artigo Maconha: Erva natural ou tóxico pesado, publicado no site *Blasting News*⁴⁵, aborda a polêmica e reclama sobre a comparação feita entre a erva que ele define como ‘sagrada’ e outros entorpecentes como ecstasy, cocaína e crack. A maconha, segundo o autor:

(...) não é um produto feito com diversas químicas misturadas, como as drogas que comparam a ela. Na verdade, a planta *cannabis* sativa é plantada desde a semente e não sofre alteração alguma humana, até crescer e criar folhas e botões de flores secas, que simplesmente são triturados e prensados para a comercialização, ou seja, o produto é naturalmente orgânico. (AMARO, 2015, ONLINE)

Foi uma apreensão de maconha, desta vez na forma de óleo, que pautou uma reportagem exibida no dia 26 de março de 2021⁴⁶, aos 9’08”. O apresentador chama o repórter Alexsander Miranda, que relata sobre a ocorrência comandada pelo DOF (Departamento de Operações de Fronteira), sobre a apreensão de garrafas térmicas grandes cheias do entorpecente líquido.

Os homens presos com o entorpecente em Ponta Porã (MS) foram autuados em flagrante pelo crime de tráfico de drogas. Após a matéria ser levada ao ar, Sikera retoma a apresentação comentando sobre os usos da maconha, que tem como nome científico *cannabis sativa*:

[Trecho 9] Todo mundo me pergunta: Sikera você é a favor da legalização da cannabis (sativa)? Eu disse, olha, no momento que for para salvar vidas, tem meu apoio, minha assinatura. Agora, para diversão?. Ah, não é por que é natural. O papo do maconheiro é dizer que ela é natural. Bosta de vaca também é natural, coma, coma, coma, coma! Acorde o maconheiro que está na sua casa. Acorde ele, vá. Acorde essa ‘maconheirazinha’ safada que está aí”. (SIKERA JÚNIOR, 2021)

Sikera e elenco começam a cantar e dançar o reggae com o título ‘maconheiro’:

⁴⁵ Disponível em: <https://br.blastingnews.com/ciencia-saude/2015/04/maconha-erva-natural-ou-toxico-pesado-00354819.html>. Acesso em 10 mai. 2022.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/alertanacional/videos/todos-os-videos/alerta-nacional-26-03-21-%7C-completo>. Acesso em 03 mai. 2022.

[Trecho 10] el, el, el, todo maconheiro dá o anel. *Come on everybody! El, el, el, todo maconheiro dá o anel! Yoga, yoga, yoga, todo maconheiro dá o boga! Yoga, yoga, yoga, todo maconheiro dá o boga! You, you, you, todo maconheiro fuma nu! (...)* Tumba lá catumba, lá catumba tá. Tumba lá catumba, lá catumba tá. Pra você maconheiro! Raça do satanás é o tal do maconheiro!. (ALERTA NACIONAL, 2021)

A letra do hit apresentado é cheia de frases preconceituosas. Essas falas podem ser entendidas como uma violação dos direitos humanos. De acordo com a lei Nº 9.459, de 13 de maio de 1997⁴⁷, que trata dos crimes resultantes de discriminação ou preconceito, em seu artigo 20º, diz que “praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, pode gerar um pena de reclusão de um a três anos e multa” (BRASIL, 1997).

No programa do dia 31 de março de 2021⁴⁸, aos 38” de programa, o apresentador chama, através do link, o repórter de Recife, Ricardo Neves, para contar a história de um assalto em uma loja de perfumes, que terminou com dois suspeitos do crime mortos por tiros disparados pela vítima. Após a reportagem, o repórter fala:

[Trecho 11] Vou ficando por aqui Sikera. É o seguinte: os caras foram inventar de assaltar uma loja de perfume, acabaram tomando no Paco Rabanne e ainda de quebra, sentiram o odor do enxofre, no colo do “cramuião” (sic). (RICARDO NEVES, 2021)

No estúdio, o apresentador comenta:

[Trecho 12] Ei, psiu. O vagabundo tomou no topázio. Olha, olha lá! Ei, psiu. Foram assaltar a uma loja de perfumes, saíram da Paraíba, de Cabedelo. Foram para esta cidade do interior, meteram assalto. É o que eu digo todo dia. Você entendeu por que que a lacração não quer você armado? Você já entendeu? Está morrendo bandidos todo dia. O cara, o dono da loja, era atirador profissional, ele participava de clube de tiro. Ele tinha treinamento. E é por isso que ele mandou dois. (SIKERA JUNIOR, 2021)

⁴⁷ Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm#:~:text=ou%20proced%C3%A2ncia%20nacional.%22Art.,a%20tr%C3%AAs%20anos%20e%20multa. Acesso em: 10 mai. 2022.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/alertanacional/videos/todos-os-videos/alerta-nacional-31-03-21-%7C-completo>. Acesso em 03 mai. 2022.

Após terminar o comentário, Sikera e a equipe cantam e dançam a música: ‘ele morreu?’. Depois da coreografia circense, o âncora faz uma série de perguntas para o elenco:

[Trecho 19 Sikera Jr] psiu, vai deixar saudade?

[Elenco] Nãoooooo!

[Sikera Jr] vai ser lembrado por alguém?

[Elenco] Nãoooooo!

[Sikera Jr] psiu, vai usar tornozeleira?

[Elenco] Nãoooooo!

[Sikera Jr] vai dar mais trabalho para a polícia?

[Elenco] Nãoooooo!

[Sikera Jr] psiu, acabou! Vai para o melhor presídio. O melhor sistema prisional do mundo, o cemitério. E a maior autoridade do mundo quem é? Quem é?

[Elenco] O coveirooooo!

[Sikera Jr] O coveiro! Ali é top. Eu não conheço um advogado que consiga soltar o cliente lá de dentro. E ali é um modelo de presídio. Quem está dentro não pode sair e quem está fora não quer entrar. Portões abertos. É ou não é?

[Elenco] Simmmm!

[Sikera Jr] é o cemitério, melhor presídio do mundo! (ALERTA NACIONAL 2021)

Durante a análise das edições do Programa Alerta Nacional, foi notado que a atração, embora tenha roteiro, é conduzida, quando as falhas técnicas ou humanas surgem, pelo improviso do apresentador. Problemas de som e imagem durante as participações, erros ao vivo e respostas equivocadas viram piadas, hits e até teatro.

Quem mais sofre neste ‘apoio’ é o elenco, que serve muitas vezes de base e válvula de escape para o apresentador manter o ritmo do telejornal. Sobre esta espetacularização da violência na televisão, Sontag (2003) relata que:

Agora, guerras são também imagens e sons na sala de estar. As informações sobre o que se passa longe de casa, chamadas de “notícias”, sublinham conflito e violência — “Se tem sangue, vira manchete”, reza o antigo lema dos jornais populares e dos plantões jornalísticos de chamadas rápidas na tevê — aos quais se reage com compaixão, ou indignação, ou excitação, ou aprovação, à medida que cada desgraça se apresenta. (SONTAG, 2003, p. 7)

O Código de Ética dos Jornalistas veta toda essa exibição medonha no artigo 11º, que diz que “o jornalista não pode divulgar informações: II – de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes” (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS 2007).

As falas condenatórias do apresentador Sikera Junior também vão contra o artigo 9º do mesmo código que diz que: “a presunção de inocência é um dos fundamentos da atividade jornalística. (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS 2007). A violência, “[...] pode elevar uma pessoa a ela submetida à condição de herói ou de mártir”, (SONTAG, 2003, p. 7). A pesquisadora explica que a dor, desde que seja dos outros, vira seguramente uma atração para muitos.

A exibição, em fotos, de crueldades infligidas a pessoas de pele mais escura, em países exóticos, continua a promover o mesmo espetáculo, esquecida das ponderações que impedem essa exposição quando se trata de nossas próprias vítimas da violência; pois o outro, mesmo quando não se trata de um inimigo, só é visto como alguém para ser visto, e não como alguém (como nós) que também vê. (SONTAG, 2003, p. 23)

Esse sofrimento alheio visto nas telas, não tem o poder de ser transferido para quem o assiste.

Cidadãos da modernidade, consumidores de violência como espetáculo, adeptos da proximidade sem risco aprendem a ser cínicos a respeito da possibilidade da sinceridade. Algumas pessoas farão qualquer coisa a fim de não se comover. Como é fácil, da sua poltrona, longe do perigo, reivindicar uma posição de superioridade. [...] Persiste o sentimento de que o apetite por tais imagens é um apetite vulgar ou baixo; que é o comércio do macabro. (SONTAG, 2003, p. 32)

De acordo com o Dicionário Online Priberam⁴⁹ empatia significa: “forma de identificação intelectual ou afetiva de um sujeito com uma pessoa, uma ideia ou uma coisa” (EMPATIA, 2022). Mas, essa capacidade de se colocar no lugar do outro, para ter a experiência de tentar entender o que ele está sentindo, está sendo completamente suprimida pelo telespectador ávido pelo que é exageradamente sombrio.

⁴⁹ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/empatia>. Acesso em 11 mai. 2022.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente Análise de Conteúdo (AC) propiciou quantificar o número e os assuntos que pautaram as reportagens com conteúdo violento ou não, levadas ao ar durante o mês de março de 2021 no programa Alerta Nacional, exibido pela emissora RedeTV, de segunda a sexta-feira. As etapas propostas pela autora Laurence Bardin (2011), promoveram o conhecimento de que inúmeras possibilidades de resultados podem ser obtidas com o cruzamento dos dados coletados nas 23 edições do telejornal assistidas.

Foi possível perceber, que apesar da duração de cada programa ser de 1 hora e 30 minutos, o número de matérias veiculadas diariamente oscila de acordo com o tempo do conteúdo exibido, somado ao do comentário do apresentador, interação com os repórteres das praças da emissora, espalhadas por todo País e propagandas comerciais.

Todo o material veiculado no telejornal é pautado pelo factual, ou seja, os fatos que mais chamaram atenção em todo Brasil nas últimas horas. Mesmo tendo espelho com sequência de material a ser levado ao ar, por ter a linha editorial completamente voltada ao jornalismo sensacionalista, a atração é direcionada, às vezes, de acordo com a reação do apresentador. De uma matéria, pode surgir quadros, música com rimas repetitivas, uma dança que esteja na moda e até gritos, comemorações e um *merchandising*.

Quanto à problematização apresentada no início deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sobre se a exibição na televisão de cenas explícitas de violência viola princípios éticos? Foi possível confirmar a hipótese, de que levar ao ar este material, de forma exageradamente sensacionalista pode ferir os Códigos de Ética dos Jornalistas e Penal, além dos Direitos Humanos previstos na Constituição Brasileira e Estatuto da Criança e do Adolescente.

Foi confirmado também que a maioria das imagens utilizadas, ou seja, 93,78% das 289 matérias veiculadas nas 5 semanas analisadas, inclui algum tipo de imagem sobre fatos violentos. Para um estudo futuro, esta análise permitiu sugerir uma proposição de investigação dos números reais de crimes exibidos no programa policialesco.

Isso, devido ter sido possível calcular, através dos cruzamentos dos dados coletados ao assistir os programas das 5 semanas do mês de março de 2021, que uma reportagem pautada por homicídio, por exemplo, pode mostrar 1 única vítima ou múltiplas mortes. Embora esta análise constatou que foram exibidas 44 reportagens sobre a categoria homicídios, o número de mortos nestes crimes relatados foi de 84 pessoas, quase o dobro das reportagens sobre este crime.

O número de matérias sobre confrontos entre polícia e suspeitos foi de 24, mas a quantidade de mortos foi de 29 pessoas e uma outra ferida gravemente. Além disso, foram assistidos 25 materiais sobre assaltos, destes 1 vítima, acabou morta e outras 4 gravemente feridas. Outra categoria que apresentou bastante diferença entre os números foi a prisões.

Enquanto nos programas das 5 semanas assistidas foram contabilizadas 81 reportagens sobre prisões de suspeitos, o número de pessoas encaminhadas, em relação a essas matérias, para as delegacias de todo Brasil, foi de 517 pessoas. Parte do alto número de detenções, foi reflexo do fechamento de festas clandestinas no pico da pandemia de covid-19, já que toda aglomeração estava proibida para evitar novos casos da doença.

Foi possível deduzir, após assistir as reportagens, que um crime e a respectiva pena não têm uma única definição. Eles sofrem mutações, de acordo com: a gravidade; intenção; motivação; quadro psicológico do autor; grau de parentesco entre vítima e acusado; localidade, ou seja, se foi cometido na cidade, no mesmo Estado, interestadual ou internacional.

Sobre as imagens vistas nas reportagens exibidas, foi percebido que, aparentemente, não são mais tão padronizadas ou seguem uma sequência lógica, como as usadas na cobertura de materiais pautados. O estudo mostrou que a regra tradicional de que os *takes* de imagens separados para cobrir *offs* e sonoras, deveriam ter a maior qualidade possível, tanto de enquadramento, quanto de luz, acabou sendo deixada parcialmente de lado.

Isso devido ao imediatismo vendido pelos vídeos feitos por populares, inclusive de diversos ângulos, que se deparam com um fato em andamento; outras imagens captadas por câmeras de segurança instaladas na área urbana, em veículos ou em imóveis, que são copiosamente utilizados nas reportagens.

Nas imagens dos locais de crimes exibidas durante os programas, foi possível ver que diversas pessoas utilizando celulares para gravar depoimentos de suspeitos de crimes, de vítimas ou de policiais. A praticidade do uso do celular permite inclusive que equipes de meios de comunicação utilizem o dispositivo para gravar as imagens, passagens e sonoras que serão utilizadas na matéria.

Na maior parte do conteúdo exibido foram utilizados flagrantes de vídeos amadores de locais de acidentes com mortes ou feridos; homicídios; confrontos; assaltos, latrocínios, que é o assalto seguido da morte da vítima; furtos; abusos sexuais; ou qualquer outra tragédia. São imagens de corpos mutilados em poças de sangue, violentas agressões, linchamentos, imagem do momento exato dos disparos de tiros e do corpo da vítima caindo sem vida.

Os vídeos destes flagrantes que retratam a parte mais obscura da violência urbana foram repetidos várias vezes durante os comentários, após as reportagens. Um *insight* que pode ser proposto para outras análises, é a de traçar os perfis de vítimas, suspeitos e testemunhas, relacionados aos tipos de crimes reportados durante o telejornal.

A divisão poderia ser por raça e classe social, por exemplo. Nesse estudo, ao assistir as reportagens, foi possível ter uma percepção inicial de que, quando os crimes são relacionados ao: tráfico de drogas; assaltos; e confrontos armados, os investigados, aparentam ser da classe baixa. Apesar de serem necessários novos estudos destes perfis, quando as acusações envolvem: grandes apreensões de drogas, aeronaves, dinheiro, desvio de recursos públicos, lavagem de dinheiro, imóveis e veículos de luxo, as características dos suspeitos sugerem que eles sejam das classes média ou alta.

As retrancas e manchetes exageradamente sensacionalistas também podem ser objetos de um estudo futuro. Durante o período em que os programas foram assistidos, foi possível deduzir que este recurso é muito utilizado para aguçar a curiosidade do telespectador e garantir sua audiência durante a exibição do conteúdo. Também podem ser estudadas as formas de apresentar os produtos durante o merchandising nos programas policiais.

No Programa Alerta Nacional, foram identificadas diferentes performances de propaganda. O apresentador intercala o anúncio do produto, com o conteúdo, a interação com o telespectador e com o elenco da atração.

Tem a parte séria da apresentação, que é seguida, quase sempre, por uma confirmação verbal, quase sempre em coro, da suposta qualidade do produto.

Os colaboradores dão apoio completando as frases do âncora e confirmando que o item anunciado, além de boa aceitação no mercado, tem um preço acessível. Mas, independentemente do modo de apresentar, fazer propaganda pode violar, conforme a interpretação, o Código de Ética dos Jornalistas. Por exemplo, o artigo 7º diz que o jornalista não pode: “VIII - assumir a responsabilidade por publicações, imagens e textos de cuja produção não tenha participado” (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS, 2007). Os textos e peças publicitárias são preparados por Agências de Publicidade, portanto chegam prontos para apresentação e o jornalista usar a própria imagem para garantir a qualidade do referido produto pode violar o código de ética.

Outro inciso que pode ser contrariado é o “IX – valer-se da condição de jornalista para obter vantagens pessoais” (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS, 2007). Este inciso é confirmado por outro artigo, o 11º que diz que o jornalista não pode divulgar informações: “I – visando o interesse pessoal ou buscando vantagem econômica” (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS, 2007).

O artigo 12º explica que em seu trabalho, o jornalista deve:” IV – informar claramente à sociedade quando suas matérias tiverem caráter publicitário ou decorrerem de patrocínios ou promoções; V – rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotomontagem, edição de imagem, reconstituição de áudio ou quaisquer outras manipulações CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS, 2007).

A maioria das propagandas utiliza recursos tecnológicos para alterar a realidade de fotos e vídeos, para criar a imagem perfeita, mas descrita como meramente ilustrativa em letras minúsculas nas embalagens dos produtos. Toda essa modificação visa atrair os consumidores e garantir margem ideal de vendas. O estudo poderia abranger quais os produtos divulgados, quais as formas de divulgação e qual o alcance no mercado.

Também é possível propor uma análise sobre a percepção de telespectadores. O pesquisador pode definir um período e objetivo para o estudo,

reunir um grupo de pessoas e, assistir aos programas junto com este grupo, anotando quais são as reações. Posteriormente, os integrantes do grupo podem ser entrevistados sobre o que sentiram durante a exibição das cenas violentas e comentários do apresentador.

Durante a introdução deste estudo, foi proposto um debate sobre se há ou não relação entre a violência urbana mostrada na televisão em horário nobre e livre com os comportamentos agressivos registrados na sociedade. Este tópico pode ser objeto de uma reflexão teórica ou até de servir de base para uma experiência de análise de um determinado grupo de telespectadores

A avaliação destes dados comportamentais pode ser feita através de entrevistas e questionários distribuídos entre vizinhos, familiares e amigos dos membros do grupo avaliado, sobre se a violência assistida também pode ser aprendida ou imitada. Não importa a editoria, a principal função do jornalista continua sendo a de informar.

Através dos dados coletados nessa pesquisa foi possível precisar que a ânsia por impressionar os telespectadores, a partir das tragédias dos outros, ofuscou essa missão. O artigo 12º do Código de Ética dos Jornalistas diz que uma das obrigações do jornalista é de: “III – tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar” (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS, 2007).

São contrárias a essa norma: a zombaria, comemoração pelas mortes de suspeitos, falas preconceituosas e inquisitórias somadas às imagens brutais e abusivas. Ao violar essa norma, o programa Alerta Nacional também faz da dor de outro ser humano, um espetáculo com fins lucrativos. Este trabalho permitiu formular hipóteses e identificar as variáveis sobre as formas aceitáveis do uso do sensacionalismo na divulgação de um fato.

A monografia ainda gerou uma proposição de discutir criticamente se a exibição das imagens de todo este sangue; cenários de tragédias; flagrantes de corpos mutilados tombando sem vida; e até a exploração na TV das lágrimas de uma mãe chorando sobre o cadáver do filho, mocinho ou bandido, tem a inclusão humanamente e legalmente aceitável no vale tudo pela audiência.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Eurípedes. **Ética jornalística: uma reflexão permanente**, São Paulo, 20 de abril de 2012. P.1. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/etica-jornalistica-uma-reflexao-permanente/>. Acesso em: 22 out 2020.

AMARAL, Márcia Franz. **Matrizes Culturais do Segmento Popular da Grande Imprensa**. Trabalho apresentado na 5ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação, em 2002, Santos.

AMARAL, Márcia Franz. **Sensacionalismo: inoperância explicativa**. Porto Alegre, janeiro/ junho de 2003). p. 133 a 146. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/viewFile/66/26>. Acesso em: 12 abr. 2021.

AMARAL, Márcia Franz. **Sensacionalismo, um conceito errante**. IN: GT Estudos de Jornalismo da COMPOS. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/estudos2005.htm>, 2005. Acesso em: 25 mar 2021.

AMARO, Roberto, **Maconha: Erva natural ou tóxico pesado?**. **Blastingnews**. Online, 19 de abril de 2015. Disponível em: <https://br.blastingnews.com/ciencia-saude/2015/04/maconha-erva-natural-ou-toxico-pesado-00354819.html>

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira. **O papel do papel: um breve ensaio acerca da relevância da fotografia em papel albuminado no século XIX**. In: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. De volta à luz: fotografias nunca vistas do Imperador. São Paulo: Banco Santos; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2003, p. 110-123.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995 (Coleção Novas Buscas em Comunicação; vol.47).

BANDURA, A. **Aggression: a social learning analysis**. N. Jersey: Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1973.

BARBOSA, Bia. **Os programas policiais na linha editorial das emissoras de TV**. Entrevista concedida à TV Brasil, 2015. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/vertv/post/os-programas-policiais-na-linha-editorial-das-emissoras-de-tv>. Acesso em 24 de abr.de 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

BERKOWITZ, L. **"Situational influences on reactions to observed violence"**. Journal of Social Issues. Ann Arbor: Society for the Psychological Study, 42(3), p. 93-106, 1986.

BERKOWITZ, L., **"Violence in the mass media"**, in Berkowitz, L., Aggression: a social psychological analysis, New York: McGraw-Hill, 1962.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto-lei nº 5.452, de 1 de maio de 1943. Aprova a consolidação das leis do trabalho. **Lex**: coletânea de legislação: edição federal, São Paulo, v. 7, 1943.

CARVALHO, Igor. **Dá para controlar os abusos de programas policiais na TV?** Lei uruguaia mostra que sim, São Paulo, 10 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/10/da-para-controlar-os-abusos-de-programa-policiais-na-tv-lei-uruguaia-mostra-que-sim>. Acessado em: 26/11/2020.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

COMSTOCK, G. & LINDSEY, G., **Television and Human Behavior: The Research Horizon, Future and Present**, R-1748-CF, Santa Monica, CA: Rand, June 1975.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade: para uma ética da informação**. Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CRESWEL, John W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. **Segundo Levantamento do Depen, as vagas no sistema penitenciário aumentaram 7,4%, enquanto a população prisional permaneceu estável, sem aumento significativo**. Brasília, 20/12/2021. Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/assuntos/noticias/segundo-levantamento-do-depen-as-vagas-no-sistema-penitenciario-aumentaram-7-4-enquanto-a-populacao-prisional-permaneceu-estavel-sem-aumento-significativo#:~:text=Desses%2C%20673.614%20est%C3%A3o%20celas%20f%C3%ADsicas%20e%20141.002%20presos%20em%20pris%C3%A3o%20do%20miciliar>. Acesso em 09 mai. 2022.

EMPATIA. In: DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/empatia>. Acesso em 10 mai.2022.

ÉTICA. In: DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ética>. Acesso em: 20 out 2021.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Francisco Assis Chateaubriand**. Site Ebiografia. Disponível em: https://www.ebiografia.com/francisco_chateaubriand/. Acesso em 04 mai. 2022.

FREUND, Gisele. **Fotografia e sociedade**. Lisboa: Vega, 1994

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. **Violência urbana: um problema social**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1):105-119, maio de 1998.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 123-142.

IBGE Educa. **Uso de internet, televisão e celular no brasil**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html#subtitulo-4>. Acesso em 24 de abr. 2022.

INTERVOZES, INSTITUTO ALANA E ANDI. **Violações de direitos de crianças e adolescentes em programas policiais**. Disponível em: <https://app.rios.org.br/index.php/s/EPkB8QFci7B9pFW>. Acesso em 13 nov 2021.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 12 ed. Campinas: Papirus, 2008.

KLEIN, Alberto. **Imagens de culto e imagens da mídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003, 5. ed. p.23.

LEVISKY, David Léo. **A violência na sociedade contemporânea** [recurso eletrônico]/ organizadora Maria da Graça Blaya Almeida. – Dados eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. 161 f.

LIMA, Fabiana. **O que é streaming? Entenda como funciona e para que serve**. Site Remessa Online, 21 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.remessaonline.com.br/blog/o-que-e-streaming/>. Acesso em 24 de abr. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4a ed. p.43 e 44.

MARTINS, Cláudia; LEITE, Cláudia Martins. **Violação de direitos de crianças e adolescentes: uma questão para o currículo da escola fundamental.**

Disponível em: <http://www.fepeg2017.unimontes.br/anais/download/1639>.

Acesso em 24 abr. 2022

MICHAUD, Yves. **A Violência.** São Paulo, Ática, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência social sob a perspectiva da saúde pública.** Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/dgQ85GcNMfTCPByHzZTK6CM/?lang=pt>. Acesso em 24 abr. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde no Brasil.** Entrevista concedida a Gustavo Mendelsohn Carvalho. Disponível em:

<http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/46367>. Acesso em 24 abr. de 2022.

MORAES, Fabiana. **Programas policiais: se for preto, se for pobre, liga a câmera e mete o microfone na cara.** Intercept Brasil, 24 de agosto de 2021.

Disponível em: <https://theintercept.com/2021/08/24/programas-policiais-preto-pobre-liga-camera-microfone-cara/>. Acesso em: 08 mai. 2022.

NOTÍCIAS DA TV. **Após bronca de juíza, Sikera Jr. consegue liminar para barrar campanha negativa.** Disponível em:

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/apos-bronca-de-juiza-sikera-jr-consegue-liminar-para-barrar-campanha-negativa-67282>. Acesso em 17 nov 2021

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. **Cinema e Imaginário Científico.** Scielo Brasil, 15 de jan. de 2007. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/sj4G XK3M9Xhn7TsgPFZpzsJ/?lang=pt>. Acesso em 24 abr. 2022.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea.** Sociologias. Porto Alegre, ano 4, nº 8, p. 152-171, jul/dez, 2002.

REDE BRASIL ATUAL. **Segundo pesquisa, programas policiais de TV e rádio ferem as leis e a ética.**

<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/06/pesquisa-aponta-que-programas-policiais-ferem-as-leis-e-a-etica-5058/>. Acesso em 12 nov 2021

REVISTA ISTO É GENTE. **Apresentador da Rede TV! Sikera Jr. é derrotado na Justiça e leva 'sermão' de juíza.** Disponível em:

<https://istoe.com.br/apresentador-da-rede-tv-sikera-jr-e-derrotado-na-justica-e-leva-sermao-de-juiza/>. Acesso em 12 nov 2021.

SEGUIN, Jean-Pierre. **Nouvelles à Sensation, Canards du 19. Siècle.** Paris, Armand Colin, 1959.

SENADO, Agência. **Proposta prevê a proibição de programa policial em TV Aberta**, Brasília (DF), 18 de setembro de 2020. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:lolqnPgIpFwJ:https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/09/18/proposta-preve-a-proibicao-de-programa-policial-em-tv-aberta-das-6h-as-22h+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 25 nov 2020.

SENSACIONALISMO. In: DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/sensacionalismo>. Consultado em: 04 mai 2022.

SILVA, Leonardo. **Tipos de Crimes — Entenda os Mais Comuns no Brasil.** Site Diário Oficial da União, 19 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://e-diariooficial.com/tipos-de-crimes-entenda-os-mais-comuns-no-brasil/>. Acesso em 09 mai. 2022.

SILVEIRA, Felipe Lazzari. **A cultura do medo e sua contribuição para a proliferação da criminalidade.**

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

STRASBURGUER, Victor C. **Os adolescentes e a mídia: impacto psicológico.** Porto Alegre: Artes médicas, 1999.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO; Maria do Rosário Silveira. **Violência, insegurança e imaginário do medo.** *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 47, p.51- 66, dez./98.

ULBER, Sergio Antônio. **Fotógrafos de Frida Kahlo: Edward Weston.** *Revista Fotografia Online*, 17 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www.revistafotografia.com.br/fotografos-de-frida-kahlo-edward-weston/>. Acesso em 08 mai. 2022.